

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UFRJ)
CENTRO DE CIÊNCIAS JURÍDICAS E ECONÔMICAS (CCJE)
FACULDADE DE ADMINISTRAÇÃO E CIÊNCIAS CONTÁBEIS (FACC)
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA E GESTÃO DE UNIDADE DE INFORMAÇÃO
(CBG)

GABRIELA PINHEIRO DOS SANTOS

RELAÇÕES DE GÊNERO NA ÁREA DE BIBLIOTECONOMIA: UMA ANÁLISE DE
LITERATURA

Rio de Janeiro

2016

GABRIELA PINHEIRO DOS SANTOS

**RELAÇÕES DE GÊNERO NA ÁREA DE BIBLIOTECONOMIA: UMA ANÁLISE DE
LITERATURA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Biblioteconomia
e Gestão de Unidades de Informação da
Universidade Federal do Rio de Janeiro,
como requisito parcial à obtenção do título
de bacharel em Biblioteconomia.

Orientadora: Profa. Dra. Patrícia Mallmann S. Pereira

Rio de Janeiro

2016

Ficha catalográfica

S237r Santos, Gabriela Pinheiro dos Santos

Relações de gênero na área de Biblioteconomia: uma análise de literatura / Gabriela Pinheiro dos Santos. – Rio de Janeiro, 2016. 56 f.

Orientadora: Profa. Dra. Patrícia Mallmann Souto Pereira

Monografia (Bacharelado em Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

1. Biblioteconomia. 2. Ciência da Informação. 3. Gênero. 4. Mulher. 5. Mercado de trabalho. I. Pereira, Patrícia Mallmann Souto. II. Título.

GABRIELA PINHEIRO DOS SANTOS

**RELAÇÕES DE GÊNERO NA ÁREA DE BIBLIOTECONOMIA: UMA ANÁLISE DE
LITERATURA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Biblioteconomia
e Gestão de Unidades de Informação da
Universidade Federal do Rio de Janeiro,
como requisito parcial à obtenção do título
de bacharel em Biblioteconomia.

Rio de Janeiro, de janeiro de 2017.

Profa. Dra. Patrícia Mallmann S. Pereira (CBG - UFRJ)
Orientadora

Prof. Dr. Luciano Rodrigues de Souza Coutinho (CBG - UFRJ)
Membro interno

Profa. Geise Ribeiro Da Silva (PPGCI - IBICT/UFRJ)
Membro externo

Dedico este trabalho a todas as pessoas que de alguma forma participaram dessa trajetória e àquelas que acreditaram em mim.

AGRADECIMENTOS

Provavelmente eu me estenderei mais do que esperava nessa parte. Acontece que a construção deste trabalho me deixou emocionalmente mais sensível e enjoativamente mais emocional.

Primeiramente, gostaria de agradecer à minha família que me deu o suporte necessário para que eu chegasse a esse momento decisivo da minha vida: À minha mãe, que sempre que tem a oportunidade faz com que eu me sinta a pessoa mais inteligente e capaz desse universo; e, se em momentos de desespero (tipo querer largar a faculdade e adotar todos animais que visse pela frente), foi o desejo de fazê-la orgulhosa que continuei; e a agradeço também por isso. À minha irmã Giovanna, a quem amo infinitamente e sempre me traz alívio e me faz rir com suas pérolas e a quem não me estenderei aqui, porque toda vez que lembro que nunca mais terá 10 anos e não é mais um bebê, começo a chorar. Aos meus tios Kátia e Marcelo, a quem devo eterna gratidão por me adotarem nesses anos de graduação me livrando de horas intermináveis no trajeto Praia Vermelha – Itaipuaçu. Sendo assim não posso deixar de citar meus primos Luísa e Daniel, que me aceitaram de muito bom grado na bagunça deles e que, apesar de nos tirarmos do sério vez ou outra (quase sempre), não imagino a minha vida sem essas duas coisas (não esperem mais nenhuma demonstração de afeto até a próxima graduação). À minha avó Cristina, que foi a primeira a se prontificar a me levar para fazer a matrícula na faculdade, assim como é a primeira a se prontificar quando qualquer um de nós precisamos. Posso afirmar com convicção que é graças vocês que hoje encerro esse ciclo da minha vida.

À equipe de trabalho do IBGE, que me possibilitou observar e aprender na prática o fazer do profissional bibliotecário mais de perto. Particularmente à Luciana Lau, que foi além de uma ótima profissional e chefe, se mostrou uma pessoa excepcionalmente boa e compreensiva, entendendo meu jeito de ser e me aconselhando e incentivando nos momentos em que precisei, e que foram muitos. Obrigada por todas as vezes que acreditou em mim, mais do que eu mesma. E se eu concluí esse trabalho (em meio ao desespero) em tempo, devo muitíssimo a você. Mil caixinhas de bombom não seriam o suficientes para demonstrar a minha gratidão. Espero ter, pelo menos, a metade da disposição e comprometimento que demonstra com tudo que se propõe a fazer.

Sou grata às mulheres que, de alguma forma, passaram pela minha vida e me marcaram de maneira que escolhi tal tema para o trabalho de conclusão. Dentre essas mulheres, óbvio, professoras e alunas que conheci durante a graduação.

Às meninas do “Wet hot brazilian summer”, grupo de Whatsapp (com nome duvidoso dado por mim), que reúne simplesmente as melhores pessoas. O que me leva a agradecer ao curso de Biblioteconomia, que permitiu que eu as conhecesse e possibilitou que fizessem parte desse período da minha vida, e digo do fundo do meu coração que desejo que elas estejam presentes em períodos futuros. Eu queria escrever para cada uma delas o que admiro em cada uma, mas provavelmente um trabalho com mais páginas de agradecimento que conteúdo não seja a melhor escolha. Não imagino nenhum grupo que teria sido melhor que esse para percorrer esses 4 anos.

Érica e Jackelyne (Chris e Greg) por aguentarem quase em períodos integrais meus momentos mais randômicos, por permanecerem juntas em todas as reuniões durante a greve, demonstrando uma força e crença o que nos nossos ideais que até então eu mesma não conhecia dentro de mim. Pelas incontáveis comemorações por qualquer acontecimento que na verdade eram só desculpas para ir ao shopping comer hambúrguer e nos sentirmos menos culpadas. Vocês são meus amores e eu poderia passar horas descrevendo tudo o que admiro em cada uma de vocês.

Às meninas mais velhas, que nem são tão mais velhas assim, que serviram de inspiração em diversos momentos e me mostraram que não importa por quantas adversidades passamos, nós mulheres somos capazes de tudo e muito mais.

À Patrícia Mallmann, minha orientadora, que demonstrou essa verdade melhor que ninguém nesse período. Obrigada por não desistir de mim e por trabalhar exaustivamente para que esse trabalho fosse concluído.

“Então, de uma forma literal, os homens governam o mundo. Isso fazia sentido há mil anos.” (ADICHIE, Chimamanda Ngozi, 2014, não paginado).

RESUMO

Frente à naturalização de desigualdade de gênero que persiste na sociedade, a presente pesquisa teve como objetivo geral analisar a produção técnico-científica sobre relações de gênero nas áreas de Biblioteconomia, passando pela Ciência da Informação no Brasil, a fim de apreender o atual estágio da discussão, e como se situa a questão nessas áreas. A análise da produtividade se deu a partir de artigos publicados na Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (BRAPCI). Para a seleção de artigos que tratassem de gênero feminino/masculino, o universo da pesquisa foi de 87 artigos, que foram analisados quanti-qualitativamente; destes, apenas 6 artigos foram selecionados como pertinentes à análise das relações de gênero discutidas dentro da Biblioteconomia e da Ciência da Informação. Os resultados mostraram a crescente discussão acerca das relações de gênero principalmente na área da CI, mas ainda se mostra incipiente quando se trata da Biblioteconomia. Concluiu-se que há um visível crescimento da discussão de gêneros nas mais diversas áreas, mas a produção de material dentro da CI e principalmente dentro da Biblioteconomia não tem acompanhado esse crescimento.

Palavras-chave: Biblioteconomia. Ciência da Informação. Desigualdade de gênero. Mulher. Mercado de trabalho.

ABSTRACT

Targeting the naturalization of gender inequality that is still persistent in the society, this research had as a general objective to analyze the technical-scientific production about gender relations among the Librarianship and Information Science in Brazil, targeting apprehending the actual stage of the discussion, and how the question stands in these areas. The productivity analysis was based on articles published on Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (BRAPCI). For the selection of articles dealing with male/female gender, the research universe was of 87 articles, which were analyzed quanti-qualitatively; among these, only 6 were selected as relevant to the analysis of gender relations discussed inside Librarianship and Information Science. The results show the increasing debate about gender relations mainly in the IS area, but it is still incipient when it comes to Librarianship. It was concluded that there is a visible growth of the gender discussion in the most diverse areas, but the production of material within the IS and mainly within Librarianship has not followed this growth.

Key-words: Gender inequality. Information Science. Labour Market. Librarianship. Woman.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
1.1	OBJETIVO.....	13
1.2	JUSTIFICATIVA.....	14
2	DESIGUALDADE DE GÊNERO.....	16
2.1	DESIGUALDADE DE GÊNERO NO MERCADO DE TRABALHO.....	19
2.2	DESIGUALDADE DE GÊNERO NA BIBLIOTECONOMIA.....	23
3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	27
3.1	INSTRUMENTO DE PESQUISA: A BRAPCI.....	27
3.2	UNIVERSO E AMOSTRA DA PESQUISA.....	28
4	ANÁLISE DOS ARTIGOS.....	29
4.1	APRESENTAÇÃO DOS ARTIGOS SELECIONADOS SOBRE RELAÇÕES DE GÊNERO NA BIBLIOTECONOMIA E NA CI.....	32
4.2	ANÁLISE DOS ARTIGOS SOBRE RELAÇÕES DE GÊNERO NA BIBLIOTECONOMIA E NA CI.....	36
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
	REFERÊNCIAS.....	41
	ANEXO A – REFERÊNCIAS LOCALIZADAS SOBRE DESIGUALDADE DE GÊNERO NA BRAPCI.....	45

1 INTRODUÇÃO

A sociedade tem uma estrutura cultural, social, política e econômica alicerçada nas relações estabelecidas por indivíduos que são definidos e estão divididos basicamente por duas identidades de gênero: feminino e masculino. Essa divisão segmenta as pessoas em dois grupos, baseando-se pelo seu sexo de nascimento. Beauvoir (1960) diz que “A divisão dos sexos é, com efeito, um dado biológico e não um momento da história humana.”, isto é, não foi a partir de um determinado acontecimento histórico que se definiu então que as pessoas seriam separadas em dois grupos, com base no sexo, essa classificação sempre existiu, independente de fenômenos históricos, e é baseada em observação do corpo físico feminino e masculino no nascimento.

De acordo com Scott (1989), as feministas americanas foram as primeiras a usar o termo “gênero”, como meio de insistir no sentido alicerçador das distinções baseadas no sexo como construções sociais. A palavra servia como base para a rejeição ao determinismo biológico no uso de termos como “sexo” ou “diferença sexual”. A partir dessa perspectiva, a discussão da diferença entre homens e mulheres deveria passar a ter um caráter social e não se limitar ao caráter biológico. Ainda segundo a autora, a definição de gênero tem duas partes interligadas entre si: primeiro, gênero é um elemento característico de relações sociais fundamentadas nas diferenças entre os sexos; e segundo, gênero é forma básica de significar as relações de poder. Gênero então passou a apontar a diferença entre mulheres e homens de acordo com papéis sociais desempenhados em meio a sociedade, de modo que:

[...] a ênfase colocada sobre o gênero não é explícita, mas constitui, no entanto, uma dimensão decisiva da organização, da igualdade e desigualdade. As estruturas hierárquicas baseiam-se em compreensões generalizadas da relação pretensamente natural entre o masculino e o feminino. (SCOTT, 1989, p. 26).

O reflexo dessa divisão se fez presente em vários níveis da nossa sociedade através do tempo, influenciando na maneira como as pessoas se colocam perante outros indivíduos, desde comportamentos, vestimentas, relações pessoais, até mesmo no ingresso e na ocupação de cargos no mercado de trabalho. E ainda foi moldada de forma que as mulheres assumissem um papel secundário, pois “[...] por mais longe que se remonte na história, [as mulheres] sempre estiveram subordinadas

ao homem: sua dependência não é consequência de um evento ou de uma evolução, ela não aconteceu.” (BEAUVOIR, 1960, p. 13).

Segundo Araújo (2005), a diferença de gênero, dita como construção social, há muito tempo é objeto de estudo das Ciências Sociais e da Antropologia. Construção essa que é fruto do desenvolvimento de uma sociedade de cultura patriarcal, em que o homem, devido a uma organização sexual, desempenha um papel hierarquicamente superior à mulher. Costa afirma que:

[...] esta subalternidade determinante na condição feminina, é fruto do seu papel de gênero. A sociedade por meio de suas instituições constrói mulheres e homens como sujeitos bipolares, opostos e assimétricos: masculino e feminino envolvidos em uma relação de domínio e subjugação. Quando falamos relações de **Gênero**, estamos falando de poder. Na medida em que as relações existentes entre masculino e feminino são relações desiguais, assimétricas, mantém a mulher subjugada ao homem e ao domínio patriarcal. (COSTA, 2008, não paginado, grifo do autor).

Os homens, na maioria das culturas ao redor do mundo, exerceram e ainda exercem dominação sobre as mulheres por conta da divisão entre gêneros e podem usufruir das vantagens de serem homens, que são concedidas por essa separação em múltiplos aspectos. Welzer-Lang (2001) disse que “Os homens dominam coletiva e individualmente as mulheres. Esta dominação se exerce na esfera privada ou pública e atribui aos homens privilégios materiais, culturais e simbólicos.” O reconhecimento dessa realidade no âmbito privado se dá quando homens são “naturalmente” designados como os chefes e provedores da família e a eles pertence a responsabilidade de comandar a casa, enquanto às mulheres resta o papel de esposa. No âmbito público é possível perceber os privilégios masculinos quando há a preferência em nomear homens a cargos de chefia, mesmo que haja uma mulher igualmente ou mais qualificada; isso também pode ser visto no cenário político, em que a grande maioria dos cargos públicos são ocupados por homens.

Cunha (2000) ressalta ainda que o destino social das mulheres, mais corriqueiro há algumas décadas atrás, mas não extinto, era de permanecer confinada no contexto das atividades domésticas, que eram vistas como atividades exclusivamente femininas, exercendo somente as funções de mãe e esposa; e apenas dessa maneira adquirindo status, através do casamento. Quando a mulher era solteira, vivia sob a dominação de um parente homem a quem fosse mais próxima e ao casar-se os direitos sobre ela eram passados ao marido, submetendo-a à autoridade dele

(EVOLUÇÃO..., 2016). Os artigos do Código Civil de 1916, descritos a seguir, são ilustrativos de como as mulheres eram legalmente diferentes e submissas aos homens em direitos e obrigações:

A mulher, com o casamento, assume a condição de companheira, consorte e colaboradora do marido nos encargos de família, cumprindo-lhe velar pela direção material e moral desta. Parágrafo único. A mulher poderá acrescentar aos seus os apelidos do marido.

Se o regime de bens não for o da comunhão universal, o marido recobrará da mulher as despesas, que com a defesa dos bens e direitos particulares desta houver feito.

A mulher não pode, sem autorização do marido: I- praticar os atos que este não poderia sem consentimento da mulher; II - alienar ou gravar de ônus real os imóveis de seu domínio particular, qualquer que seja o regime de bens; III- alienar os seus direitos reais sobre imóveis de outrem; IV- contrair obrigações que possam importar em alheação de bens do casal. (BRASIL, 2003, art. 240, 241, 242).

Foi então com a Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 que mulheres e homens passaram a ser reconhecidos como iguais em direitos e obrigações, de acordo com o artigo 5º (BRASIL, 1988). O Código Civil só foi modificado e atualizado em 2002.

Na educação escolar, por anos a elas não era concedido o direito de estudar e aprender a ler, isso mudou apenas com a Constituição de 1824, quando passaram a ter acesso à educação assim que surgiram as escolas destinadas a mulheres. Mas ainda assim a educação era diferenciada entre os sexos, pois enquanto as mulheres tinham a educação fundamentada no serviço, voltada a trabalhos manuais, domésticos, cânticos e ensino brasileiro de instrução primária, os homens eram educados para assumir posições de poder (EVOLUÇÃO..., 2016).

Ou seja, a mulher era vista como um ser unicamente com o propósito de atuar em cenário doméstico, incapaz de elevação própria se não se ligasse a um homem com quem pudesse casar e então cumprir o papel de esposa e mãe que a sociedade esperava. De acordo com Forrest (2014), é possível observar a extensão dessa construção social, ainda hoje, quando a ideologia de diferença de gênero influencia diretamente na relação da mulher com o mercado de trabalho, causando a segregação horizontal e a segregação vertical do trabalho, que são, respectivamente, caracterizadas como: a distinção de profissões e postos de trabalho entre mulheres e homens; e a dificuldade de inserção das mulheres no mercado de trabalho e na

conquista de cargos de chefia nas instituições em que estão empregadas. E ainda há o fato das mulheres em geral receberem menor remuneração em relação aos homens e a invisibilidade das profissões que são consideradas majoritariamente femininas.

Freitas e Coutinho (2015), com base em pesquisa realizada para o Fórum Econômico Mundial (FEM) no ano de 2010, apresentam o seguinte dado: de 600 empresas estabelecidas em 20 países diferentes, apenas 5% eram presididas por mulheres.

Inserida na cultura do capital, a construção de relações de gênero contribui para compreender a exclusão das mulheres como parte de uma construção histórica e social que foi pensada e elaborada através de mecanismos como a educação, a política e a religião. No mercado de trabalho as mulheres são associadas a profissões de pouca demanda e baixos salários e, mesmo com formação no nível superior, é visível a dificuldade de competir no mercado de trabalho com os homens, uma vez que as relações de poder proporcionam aos homens cargos de direção. (FORREST, 2014, p. 31-32).

O retrato dessa organização social é visível, também, na área da Biblioteconomia, o que fica claro quando Forrest (2014) diz que o número de mulheres que atuam na profissão não corresponde às chances que as mesmas têm de ascender profissionalmente e de ocupar os cargos considerados de chefia, ou seja, aqueles que demandam liderança e decisão dentro das instituições em que trabalham, caracterizando a segregação vertical. É importante que essa questão seja discutida amplamente e com mais frequência, uma vez que Biblioteconomia é uma das áreas profissionais majoritariamente femininas, pois 80% dos profissionais da área são mulheres (FERREIRA; VEIGA, 2013). Dessa forma, é relevante analisar como a questão da desigualdade de gênero está sendo discutida dentro da área, pois essa discussão tem crescido e ganhado espaço na sociedade, devido ao maior acesso à informação na contemporaneidade e à atuação do movimento feminista.

1.1 OBJETIVO

Diante do apresentado, o presente trabalho aborda a temática relações de gênero na Biblioteconomia e na Ciência da Informação (CI). O objetivo geral do trabalho é: analisar a produção técnico-científica sobre relações de gênero nas áreas de Biblioteconomia e também na CI no Brasil, pois entende-se que são

complementares, a fim de apreender o atual estágio da discussão, e como se situa a questão nessas áreas.

Os objetivos específicos são:

- a) verificar o estágio da discussão sobre relações de gênero nas áreas de Biblioteconomia e CI, temporalmente e tematicamente;
- b) identificar a situação sobre as relações de gênero na atuação profissional de Biblioteconomia e CI.

A produção técnico-científica de uma área é um dos meios para dar repercussão e visibilidade a temas que são relevantes e que interferem no fazer profissional. Assim, foi realizado um levantamento bibliográfico, a partir de artigos de periódicos buscados na Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (Brapci), por se tratar da base de dados que reúne a literatura publicada em periódicos técnico-científicos das áreas de Biblioteconomia e Ciência da Informação no Brasil.

1.2 JUSTIFICATIVA

A discussão e análise sobre a questão de gênero se faz importante em todos os âmbitos da sociedade, pois pelo fato do comportamento de dominação dos homens em relação às mulheres ser naturalizado, em alguns casos, pode não haver total percepção por parte delas quanto às diferenças de posições e tratamento no mercado de trabalho. A reflexão no contexto da Biblioteconomia e da CI pode ser estendida para o âmbito social, a fim de gerar repercussão para o tema e a sua abordagem em outras áreas, tendo em vista que a segregação vertical e horizontal estão mais presentes naquelas profissões qualificadas como femininas. Os critérios de escolha de liderança evoluíram com o tempo, deixando de lado a força física para contemplar a capacidade intelectual do indivíduo, contudo a visão quanto à questão de gênero, apesar de ter sido modificada um pouco, não acompanhou a evolução de forma similar, o que ainda causa impacto na pouca escolha de mulheres para cargos de liderança. Por isso, considera-se relevante estudar o tema, devido às possibilidades de conscientização quanto à necessidade de um olhar diferenciado para a questão de gênero e liderança, e a ampliação do debate nessas áreas. Durante a busca de literatura para definir o recorte do tema desejado, foi possível perceber a carência de

materiais que tratam ou são relacionados à temática específica de relação de gênero e cargos de chefia, o que demonstra a necessidade de maior discussão no âmbito da Biblioteconomia e da CI, assim como de outras áreas de conhecimento e de atuação profissional.

De acordo com Ferreira (2003), esse cenário de dificuldade na abordagem do tema em Biblioteconomia será resolvido apenas com a revisão de ensino e a busca de uma práxis social, e que seja proposto um método que assuma um caráter revolucionário, para que o trabalho feminino nessas áreas seja repensado, e que se vá buscar as causas da desvalorização das profissões em que as mulheres são maioria. Dessa forma, pode-se pensar em soluções para que as profissionais possam reavaliar a sua entrada no mercado de trabalho e as situações a que são expostas pelas relações sociais de gênero.

A monografia está dividida em cinco seções. Após esta introdução, a segunda seção aborda a questão da desigualdade de gênero de modo mais amplo, passando pela desigualdade no mercado de trabalho e na Biblioteconomia e CI. A terceira seção apresenta os procedimentos metodológicos adotados para o desenvolvimento da pesquisa. A quarta seção apresenta os resultados da pesquisa bibliográfica e uma análise dos artigos selecionados. E na quinta seção são expostas as considerações finais do trabalho.

2 DESIGUALDADE DE GÊNERO

Segundo Bourdieu (2012, p. 17), “A divisão entre os sexos parece estar ‘na ordem das coisas’, [...] em todo o mundo social e, em estado incorporado, nos corpos e nos habitus dos agentes funcionando como sistemas de esquemas de percepção, de pensamento e de ação.” Com o passar do tempo, gênero passou a ser usado, em substituição às expressões como “divisão de sexo” e “sexo”, pois foi percebido que definir o indivíduo pelo seu sexo, era limitado a um universo de características físicas e biológicas, assim existindo a possibilidade de exclusão social de alguns indivíduos (SCOTT, 1989).

O termo “gênero” vem sendo estruturado por meio de processos históricos e sociais, que estabelecem parâmetros de diferenciação entre os seres humanos em femininos e masculinos, de maneira que “Na gramática, gênero é compreendido como um meio de classificar fenômenos, um sistema de distinções **socialmente** acordado mais do que uma descrição objetiva de traços inerentes.” (SCOTT, 1989, grifo nosso). Por volta da década de 1970, o termo gênero passou a ser utilizado de maneira que acolhesse as pessoas numa perspectiva social e não puramente biológica. De acordo com Araújo (2005, p. 42):

O termo “gênero”, na sua acepção gramatical, designa indivíduos de sexos diferentes (masculino/feminino) ou coisas sexuadas, mas, na forma como vem sendo usado, nas últimas décadas, pela literatura feminista, adquiriu outras características: enfatiza a noção de cultura, situa-se na esfera social, diferentemente do conceito de “sexo”, que se situa no plano biológico, e assume um caráter intrinsecamente relacional do feminino e do masculino.

Scott (1989) defende que o conceito de gênero foi criado de forma a contrariar um determinismo biológico nas relações entre os sexos, dando-lhes um caráter fundamentalmente social. Dessa maneira, as pessoas não são mais categorizadas por seus corpos e sim pelos papéis sociais que desempenham. “O gênero sublinhava também o aspecto relacional das definições normativas das feminilidades.” (SCOTT, 1989, p. 3). Isto é, por meio de ações e interações realizadas em meio à sociedade que define um conceito de feminilidade em cada pessoa. “Feminilidades se produzem, reproduzem e se transformam, trazendo sentidos e significados singulares para cada pessoa na sua corporeidade e modo de subjetivação.” (VILLELA, 2016, p. 647). A feminilidade é uma série de comportamentos ligados à mulher que, segundo Almeida

(2012, não paginado), era a definição da natureza das mulheres, colaborando com o preconceito do ser frágil, pois baseava-se “[...] no recato, na docilidade, na afetividade mais desenvolvida, na receptividade passiva em relação aos desejos e necessidades dos homens e, mais tarde, dos filhos.” Logo, a mulher não teria aptidão para competir com um homem, a quem na verdade deveria ser receptiva e subordinada. Portanto, as mulheres deveriam inibir aspirações próprias e assumir seu papel diferenciado na sociedade e ocupar um espaço diferente ao do homem, dando início a desigualdade de gênero. Porém, mesmo longe do cenário ideal, as mulheres vêm aos poucos tomando consciência de que seu lugar é exatamente onde elas desejarem estar e não naquele em que a sociedade e/ou comunidade patriarcal espera que elas ocupem. Com essas mudanças comportamentais, em que elas se tornam protagonistas e voz ativa da sua própria vida, são então acusadas de estarem perdendo a feminilidade e fazendo com que esta corra perigo. Ou seja, o desvio no hábito de ser mulher dona de casa e frágil, as estaria tornando menos mulheres:

Todo mundo concorda em que há fêmeas na espécie humana; constituem, hoje, como outrora, mais ou menos a metade da humanidade; e contudo dizem-nos que a feminilidade "corre perigo"; e exortam-nos: "Sejam mulheres, permaneçam mulheres, tornem-se mulheres". Todo ser humano do sexo feminino não é, portanto, necessariamente mulher; cumpre-lhe participar dessa realidade misteriosa e ameaçada que é a feminilidade. (BEAUVOIR, 1960, p. 7).

A categorização da mulher como um ser frágil e dependente do homem, que ela atende desde cedo, é a premissa para comportamentos que se dão de maneira a interferir na construção de tudo o que conhecemos em meio à sociedade, reproduzindo uma dinâmica social com desigualdade de tratamento entre homens e mulheres. O reflexo dessa divisão se fez presente em vários níveis da nossa sociedade através do tempo, influenciando na maneira como as pessoas se postam perante a outros indivíduos, desde comportamentos, vestimentas, relações pessoais, até mesmo no ingresso e na ocupação de cargos no mercado de trabalho. Um exemplo disso é um trecho de Beauvoir (p.9), que foi escrito na década de 1949 e continua pertinente:

E, em verdade, basta passear de olhos abertos para comprovar que a humanidade se reparte em duas categorias de indivíduos, cujas roupas, rostos, corpos, sorrisos, atitudes, interesses, ocupações são manifestamente diferentes: talvez essas diferenças sejam superficiais,

talvez se destinem a desaparecer. O certo é que por enquanto elas existem com uma evidência total.

As diferenças ditas por Beauvoir ainda não desapareceram, e continuam sendo sustentadas por um processo histórico de condicionamento, em que as mulheres continuam sendo generalizadas por boa parte da sociedade como seres “naturalmente” mais frágeis e delicados, e esse fator serve como apoio para desqualificá-las em tarefas que demandem força e autoridade. Em tempos passados os cargos de poder e a capacidade de liderança eram relacionados à força física e os homens eram considerados mais fortes; isso fez com que eles fossem espontaneamente colocados em uma posição de vantagem e superioridade em relação às mulheres, mas “Isso fazia sentido há mil anos. Os seres humanos viviam num mundo onde a força física era o atributo mais importante para a sobrevivência; quanto mais forte a pessoa, mais chances ela tinha de liderar.” (ADICHIE, 2014, não paginado).

Atualmente, a força física não é mais um dos atributos mais pertinentes para qualificar alguém como competente ou não, são buscados na verdade os indivíduos com mais capacidade intelectual e aptidões pertinentes ao cargo que ele se propõe a ocupar, e tanto mulheres e homens podem ser inteligente e inovadores (ADICHIE, 2014). Porém, “[...] o presente envolve o passado e no passado toda a história foi feita pelos homens.” (BEAUVOIR, 1960, p.15), de maneira que, mesmo que se mostrem potencialmente mais inteligentes e competentes em determinada área, as mulheres continuam sendo menos consideradas do que os homens para ocuparem cargos de chefia. (ZAULI; TORRES; GALINKIN, 2012). Os homens têm consciência do seu poder e as mulheres não contestavam. Recusar assumir o papel de submissa significaria renunciar a todos os “benefícios” que lhe são concedidos em associação aos homens. Uma realidade continua, pois entende-se que grande parte das mulheres não se reclamam como sujeitos em mesmo nível de igualdade com os homens, porque, muitas vezes, não têm consciência de si enquanto mulher, das questões ligadas a desigualdade de gênero e não lhes ocorre que elas próprias podem reivindicar por seus direitos (BEAUVOIR, 1960), reforçando a relevância do debate sobre as desigualdades e dos movimentos sociais feministas, que auxiliam para trazer o debate à tona.

2.1 DESIGUALDADE DE GÊNERO NO MERCADO DE TRABALHO

Epstein (2007) afirma que o mundo é constituído de grandes divisões, seja de nações, religiões, classes, etc., todas causadas por agentes humanos. Mas a divisão substancial que define a maior divisão social é a baseada no sexo, divisão que deveria ser estudada em análises sociológicas, para que se possa entender a dinâmica social que influencia fortemente.

De um modo geral, no mundo em desenvolvimento, as mulheres continuam a ser largamente impedidas de acessar o mercado de trabalho formal, a não terem oportunidades igualitárias de qualificação para um emprego mais elevado e, conseqüentemente, menos propensão a ocupar posições administrativas ou gerenciais e ficam muito atrasadas em termos de desenvolvimento e ganhos. (ORGANISATION FOR ECONOMIC CO-OPERATION AND DEVELOPMENT, 2006, p. 7, tradução nossa).

A construção social de desigualdade de gênero arraigada, desde muito cedo, acaba passando despercebida pela maioria das pessoas, pois em boa parte das culturas, não é espantoso ou surpreendente que sejam atribuídos diferentes papéis sociais aos homens e às mulheres. E como Welzer-Lang (2001) disse, a dominação dos homens sobre as mulheres ocorre tanto na esfera privada quanto na pública, concedendo aos homens privilégios materiais, culturais e simbólicos. Furlan e Müller (2013) exemplificam a esfera privada quando dizem que, por serem vistas como símbolo de fragilidade, as mulheres deveriam ser protegidas do mundo exterior, devido a suposta fragilidade biológica. Por isso ficavam restritas ao espaço privado, e o seu valor como esposas para a sociedade residia em serem submissas ao pai ou homem a quem fossem mais próximas, enquanto o homem usufruía da autonomia em fazer suas próprias escolhas. A esfera pública é exemplificada por Beauvoir (1960) quando diz que, economicamente, homens e mulheres estão estabelecidos em duas níveis diferentes; mesmo que em igualdade de posições no mercado de trabalho, os homens têm situações mais vantajosas, salários mais altos e maiores possibilidades de êxito que as mulheres.

Se trata de um comportamento naturalizado e que vem se reproduzindo através do tempo, e acontece de forma quase “natural”. Saffioti (1987) explica que esses papéis contribuem com a formação da identidade social tanto do homem quanto da mulher, e que a sociedade espera que eles sejam desempenhados pelas diferentes

categorias de sexo, assim delimitando onde uma mulher poderia ou não atuar. Em razão dessa limitação estabelecida pela sociedade sobre o campo de atuação, baseada no condicionamento social falado anteriormente, em que homens são os mais aptos a exercerem atividades que demandam força e liderança, as mulheres são conduzidas a desempenhar atividades relacionadas a organização e cuidados, em consequência da lógica que a sociedade segue de que:

[...] se são as mulheres que maternam, que cuidam dos filhos, do marido, da casa, dos doentes e das hortas, o sistema capitalista tinha, portanto, que engajá-las em profissões afinadas com essas tarefas. Daí que em nível do senso comum, vão se justificando suas escolhas por: magistério, enfermagem, nutrição, biblioteconomia, que de alguma forma são extensões das atividades domésticas. (FERREIRA, 2003, p. 190).

A delimitação do campo de atuação do sexo feminino a determinados postos no mercado de trabalho é um dos “[...] processos que têm, historicamente, submetido a mulher à posição de inferioridade.” (FERREIRA, 2003, p. 197). Na Pesquisa Mensal de Emprego (PME) realizada em 2009, analisando a participação das mulheres nos agrupamentos de atividade que incluem: Indústria, Construção, Comércio, Serviços prestados a empresas e Outros serviços, foi observado que elas eram minoria, enquanto no grupo de Administração Pública e Serviços domésticos eram quase maioria absoluta. (IBGE, 2010). Em Construção, por exemplo, a estimativa mensal era de 5,1 para mulheres e 94,9 para homens e, enquanto nos Serviços domésticos era de 94,5 ocupada por mulheres e 5,5 por homens. De acordo com Freitas e Coutinho (2015), a pesquisa feita pelo IBGE em 2012, em comemoração ao dia da mulher, que retratava a situação da mulher no mercado de trabalho no Brasil, apresentou dados que revelaram que dentre as mulheres ocupadas na indústria, nos serviços domésticos e em outros serviços, a posse da carteira de trabalho assinada era inferior a dos homens. Em 2012, o maior percentual alcançado pelas mulheres continuou sendo no grupamento de serviços prestados a empresas e serviços domésticos, grupamento onde as mulheres representavam 95,1% do total, mas apenas 36,6% possuíam carteira assinada, o menor percentual de mulheres com carteira assinada.

Uma vez que o gênero é utilizado como justificativa para que sejam criados obstáculos na contratação ou promoção de uma mulher, percebe-se como a sociedade continua a se sustentar ainda em uma cultura patriarcal e a reproduzir uma série de comportamentos machistas que persistem na subjugação da mulher e fazem

do homem um ser social privilegiado. Segundo Freitas e Coutinho (2015), ainda são muitos fatores que colaboram para que a mulher seja vista de forma discriminatória, o que causa o desestímulo nas mulheres a ingressarem no mercado de trabalho. Podemos citar como exemplo de diferença de tratamento entre mulheres e homens as empresas privadas, onde essas questões são mais visíveis por meio de contratações feitas por escolha de currículo. Os currículos femininos, em geral, principalmente em se tratando de empresas que possuem uma cultura mais conservadora, não são recebidos com tanta credibilidade quantos os masculinos. Enquanto em cargos públicos, em que a contratação é feita com base em resultados de concursos públicos, sem distinção de gênero, a segregação fica por conta da promoção de cargo, pois mesmo que a mulher conquiste um cargo dentro da instituição ela tem de lidar com o fato de que a sua chance de ascender profissionalmente ainda não é equiparada a do homem. Safiotti (2003 apud FERREIRA; BORGES; BORGES, 2010, p. 165) afirma que “[...] o sexismo e o poder patriarcal não se resumem às expressões diretas de discriminação, mas está presente ideologicamente em todas as relações.”, isto é, já é um comportamento/ sistema naturalizado e presente em todas as esferas sociais e resultado de uma repetição, pois:

Se repetimos uma coisa várias vezes, ela se torna normal. Se vemos uma coisa com frequência, ela se torna normal. Se só os meninos são escolhidos como monitores da classe, então em algum momento nós todos vamos achar, mesmo que inconscientemente, que só um menino pode ser o monitor da classe. Se só os homens ocupam cargos de chefia nas empresas, começamos a achar “normal” que esses cargos de chefia só sejam ocupados por homens. (ADICHIE, 2014, não paginado).

Com a citação de Chimamanda Adichie acima, é possível perceber uma das razões para que os sistemas de segregação ainda sejam uma realidade. A naturalização de comportamentos machistas e de subjugação da mulher estão incorporados em contextos sociais em níveis profundos, e que talvez outra realidade não seja nem mesmo ponderada; portanto, essa conduta acaba sendo aceita passivamente, fazendo com que assim esses comportamentos se perpetuem. A conscientização acerca do assunto também se torna importante pelo fato de que segregação de gênero nem sempre se apresenta de forma explícita e clara,

A desigualdade de gênero no mercado de trabalho pode ter uma variedade de formas, incluindo a participação diferenciada na força de trabalho e a segregação ocupacional por sexo que aqui se discute, bem como outros aspectos, tais como os baixos salários recebidos pelas mulheres ou o assédio sexual no local de trabalho. (DEGRAFF; ANKERA, 2014, p. 164).

Segundo Adichie (2014, não paginado), “Perdemos muito tempo ensinando as meninas a se preocupar com o que os meninos pensam delas. Mas o oposto não acontece. Não ensinamos os meninos a se preocupar em ser ‘benquistos’.” Ou seja, as meninas são ensinadas desde muito cedo que devem acatar ordens, geralmente vindas de uma figura masculina, e se comportarem de forma passiva, pois agir de forma mais enérgica e intensa não condiz com o papel de figura frágil que a sociedade espera dela. Por essa razão, as mulheres usualmente aceitam situações desagradáveis e não se dão conta de que elas podem se impor e exigir mudanças. Enquanto isso, meninos são educados como protagonistas de uma arrumação e crescem acreditando em sua superioridade em relação às mulheres. E esses meninos, quando se tornam adultos, são os homens que não enxergam seus privilégios, mas os usam de forma a estarem hierarquicamente acima das mulheres, e não estão preparados para receber ordem de mulheres.

A desigualdade de gênero refletida no mercado de trabalho também se manifesta quando a mulher tem que lidar com o fato de que apenas por ser mulher as pessoas esperam certa fragilidade nas atividades executadas por ela. Essa fragilidade esperada se dá em razão do julgamento precoce de que ela realiza a jornada dupla, quando trabalha fora e ainda precisa ocupar-se com as tarefas domésticas e filhos. Segundo uma visão estabelecida por estereótipos, é empregado que toda mulher nasceu para ser mãe, e então em algum momento de sua vida ela abdicará ou colocará seu emprego em segundo plano para se dedicar mais à sua família. Esse pensamento não só exclui a existência de mulheres que não almejam ser mãe, como também exclui o fato de que família é responsabilidade tanto do homem quanto da mulher, e que as duas partes devem dedicar parte de seu tempo aos filhos e às tarefas domésticas. Percebe-se aí o machismo, quando ter filhos não é fator impeditivo na contratação de homens, mas é um argumento contra no momento da escolha de uma mulher para assumir um cargo, seja ele de chefia ou não. Outra manifestação dessa visão depreciativa da mulher nos papéis de mãe e dona de casa é a desproporção na

oferta de salários oferecidos a elas em relação aos dos homens, mesmo que para cargos equivalentes.

Na Pesquisa Mulher no Mercado de Trabalho: perguntas e respostas, realizada em 2011 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) foi apontado que independente do grupo de anos de estudo em que as mulheres se enquadrem, em média, elas recebem menos do que os homens. E em relação à sua inserção no mercado de trabalho, os homens eram maioria dentro da população ocupada nas diversas formas de inserção. Esse cenário foi verificado tanto em 2003 quanto em 2011. Foi constatado por meio da pesquisa que as diferenças de inserção entre homens e mulheres foram reduzidas em 2011, com as mulheres aumentando sua participação em todas as formas de ocupação, porém ainda é um cenário longe do ideal. (IBGE, 2012).

2.2 DESIGUALDADE DE GÊNERO NA BIBLIOTECONOMIA

Através da busca de literatura para a composição deste trabalho, a discussão sobre gênero na Biblioteconomia e na CI ainda se mostra escassa e pouco consolidada, “[...] exceção de alguns artigos especializados na área, que, em geral, não aprofundam as questões de gênero na profissão do/a bibliotecário/a.” (FERREIRA, 2003).

Segundo Olinto (1997), uma das explicações para a carência da abordagem do tema na Biblioteconomia brasileira esteja talvez no fato de que o feminismo, movimento social que mais tem interesse em tratar do tema, na década de 1990 ainda estava em fase inicial, sendo então visto como ameaça à imagem da profissional. Isso porque o assunto trazia à superfície a questão da desvalorização da profissão no mercado de trabalho, que está ligada à questão da profissão ser considerada feminina. As(os) profissionais da área que ainda não notaram as relações de gênero impregnadas na sociedade, não analisam criticamente a questão e não perceberam que o assunto precisa ser revisto, estudado e incorporado nos conteúdos dos programas dos Cursos de Biblioteconomia, para que se possa questionar a realidade buscando uma saída para transformá-la (FERREIRA, 2003). Para Ferreira e Veiga (2013), a discussão a respeito de gênero dentro da Biblioteconomia não costuma ser levantada por bibliotecárias(os) devido aos processos de alienação, mesmo sendo um

debate relevante para entender as relações de dominação submetidas às mulheres e, em especial, a essas profissionais.

De acordo com Ferreira (2003), o ingresso da mulher no mercado de trabalho tem se tornado cada vez mais notório. Porém, a maior parte do mercado está concentrada nas profissões consideradas femininas, assim vista por causa da quantidade de mulheres em seus quadros. Olinto (1997) constatou, ao estudar as profissões femininas, que assim como empregada doméstica, assistente de escritório, enfermeira, bibliotecária é uma das profissões mais estereotipadas em relação ao gênero, sendo julgada como uma das mais femininas, enquadra-se nos níveis máximos, ou de extrema feminização, que inclui profissões com percentual de mulheres acima de 80%.

Martucci (1996) diz que uma das razões para a profissão de bibliotecária(o) ter sido feminilizada é a sua aproximação com o magistério, pois ao que tudo indica, a(o) bibliotecária(o) foi encarada(o) como uma professora informal, que exercia sua função de educadora fora da sala de aula, ocorrendo um deslocamento físico da sala de aula para a biblioteca. Até que fosse instituída a profissão de bibliotecária(o) nas escolas, as(os) professoras(es) ficavam responsáveis por algumas das tarefas que hoje são de responsabilidade da(o) bibliotecária(o) e o espaço da biblioteca era encarado como um depósito de papéis. O perfil da(o) profissional encarregada(o) por cuidar do material de uma biblioteca deveria cumprir alguns critérios, o que o faria ser ideal para o trabalho, e alguns desses critérios estavam pertinentemente ligados ao modelo da mulher ideal aceito socialmente:

Era preciso deslocar um professor para as funções de reunião, organização, armazenamento, preservação e orientação de uso de materiais impressos diversificados, necessários ao enriquecimento do ensino, em um espaço apropriado para estudo e pesquisa. Este espaço foi encarado como depositário do saber acumulado pela humanidade, de atmosfera sagrada, de rituais rígidos, que exigia do bibliotecário um perfil culto, missionário, maternal, dedicado, leal e submisso às regras, no qual o estereótipo da mulher do século XIX também se enquadrava na perspectiva educacional. (MARTUCCI, 1996, p. 238-339).

A visão da mulher no século XIX era carregada de estereótipos que a limitavam a um ser social que devia ao homem disciplina, submissão, trabalho sem tréguas, lealdade e pureza (MARTUCCI, 1996). Ainda segunda a autora, “Assim, fica claro o casamento da imagem social da mulher com a imagem do profissional bibliotecário e

o caráter missionário e religioso do trabalho é reforçado pelo pensamento [...]” (MARTUCCI, 1996, p. 240). Colaborando para a imagem feminina da profissão, por muito tempo o curso de Biblioteconomia foi considerado um curso “espera marido”, diminuindo a credibilidade do mesmo e, por conseguinte, da profissão (FORREST, 2014).

Em uma pesquisa realizada por Ferreira e Veiga (2013, p. 8) com bibliotecárias(os) do Maranhão, a maioria das(os) profissionais não percebem a desvalorização e nem a imagem negativa da condição feminina ligada à profissão. Reforçando que as bibliotecárias “[...] não conseguem perceber como as relações de gênero e de poder perpassam o mundo do trabalho, traduzido em relações desiguais de oportunidades, em salários baixos e no pouco reconhecimento da profissão.” Golub (2009 apud SOUZA, 2014) observou, por meio de um estudo realizado nos Estados Unidos, que pelo menos nas últimas três décadas, mesmo as mulheres estando em maior número na Biblioteconomia e os homens sendo minoria, estes são maioria em postos trabalho de gestão; enquanto as mulheres são responsáveis por funções técnicas de processamento e organização de acervo, os homens desempenham atividades que, além de mais bem pagas, são percebidas como de maior prestígio. Ferreira e Veiga (2013, p. 6), ao analisarem postos de decisão e poder na Biblioteconomia, também observaram que estes são ocupados por homens.

Murgai (2004) constatou que em países como Estados Unidos, Singapura, Índia e Tailândia, por exemplo, significantes avanços foram feitos pelas mulheres em conquistarem cargos de chefia e importância dentro de instituições, porém essa realidade corresponde apenas a 8% de mulheres bibliotecárias como gestoras de unidades de informação. Ainda segundo a autora, que as mulheres que conquistam estes cargos de gerência devem trabalhar mais arduamente para alcançar o mesmo reconhecimento que os homens e, ainda assim, recebem um pouco menos. Dentre as décadas de 1970 e 1980, para que fossem bem-sucedidas em suas novas carreiras, muitas mulheres gestoras tentaram imitar a forma de gerenciar dos homens, pois “Muitos acreditam que quanto menos feminina for a aparência [ou o comportamento] de uma mulher, mais chances ela terá de ser ouvida.” (ADICHIE, 2014, não paginado). Por causa da educação e condicionamento, desde muito cedo, a mulher se torna a personificação dos estereótipos, tomando como verdade que a única maneira de ser “levada a sério” é adquirindo características comportamentais que estão associadas aos homens, tornando-as masculinizadas, quando na realidade não estão fazendo

mais do que se desvincular da imagem padrão de mulher. Considerando que:

[...] as mulheres brasileiras, até o início do século, precisavam da autorização dos maridos para assumir qualquer atividade profissional remunerada e que apenas em 1932 passaram à categoria de cidadãs, com direito ao voto, justifica-se, portanto, a sua tímida inserção na vida pública. Essa pouca inserção é fruto dos condicionamentos da educação diferenciada, que educa meninas como seres passivos e submissos e meninos como seres agressivos e dominadores [...]. (FERREIRA, 2003, p. 196).

Beauvoir (1960, p.13) reflete que natureza, assim como a realidade histórica, não é uma condição permanente. “Se a mulher se enxerga como o inessencial que nunca retorna ao essencial é porque não opera, ela própria, esse retorno.” Ou seja, para que se mude essa conjuntura, deve partir do próprio gênero feminino a iniciativa de trazer o debate para o dia a dia e se fazer ouvida, para que a naturalização da desigualdade de gênero vire uma reflexão constante na sociedade e assim as condições de trabalho, e de vida pessoal, sejam justas para os dois gêneros. Pois,

Se antes isso era visto como um fato natural, dada à condição do ser feminino, a partir dos anos setenta, os estudos sobre mulher e gênero vêm mostrar que existia nesta escolha questões que passavam despercebidas, dadas as relações de gênero que, tanto quanto as relações de classe e etnia, mascaram valores e transformam questões políticas, naturalizando-as. (FERREIRA, 2003, p. 190).

Apesar de grande parte das mulheres ainda se direcionarem às profissões femininas, há aquelas que arriscam-se nas áreas onde os homens são maioria e ainda almejam e trabalham para ocupar cargos de importância elevada dentro das instituições. Se isso ocorre atualmente é em razão da discussão da desigualdade estar acontecendo cada vez mais, e as mulheres começarem a enxergar seus direitos e a exigí-los, pois a reflexão sobre o tema é capaz de afastar a visão naturalizada da subjugação da mulher, e o mesmo deve ocorrer com as bibliotecárias quando fizerem desse tema debates mais recorrentes.

3 PROCEDIMENTOS METODOLOGICOS

Para avaliar a produção técnico-científica que trata da questão das relações de gênero na Biblioteconomia e na CI, optou-se por uma abordagem quanti-qualitativa. A pesquisa aqui apresentada se trata de um estudo de natureza bibliográfica, de caráter exploratório, pois se propõe a perceber na literatura como a discussão e a questão de gênero se situam. A pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de materiais já elaborados, neste caso, artigos de periódicos, que permitem uma cobertura mais ampla acerca dos fenômenos estudados (GIL, 2008), isto é, torna possível perceber o andamento da discussão e do fenômeno nessas áreas no Brasil.

Para a seleção dos artigos foi utilizada a BRAPCI, pois ela indexa periódicos técnico-científicos das áreas de Biblioteconomia e CI de circulação no Brasil. Optou-se por se trabalhar apenas com os artigos científicos, pois se entende que eles são um dos principais meios de comunicação científica, e demonstram o espaço que a discussão da temática está tendo nas áreas, assim como o foco das discussões.

3.1 INSTRUMENTO DE PESQUISA: A BRAPCI

As informações apresentadas nesta subseção foram retiradas da BRAPCI (2016). A BRAPCI é uma base de dados que surgiu no ano de 2000, com o objetivo de proporcionar o acesso à literatura especializada da área de Ciência da Informação, dando suporte à pesquisa, organização e análise de dados. Ela é caracterizada pelo constante aperfeiçoamento na sistematização e organização da literatura periódica, para que seja possível a localização e obtenção dos artigos indexados da área. Até o ano de 2004, a BRAPCI disponibilizava 27 títulos de periódicos na área, com 4.637 artigos publicados, e a incorporação de artigos em sua íntegra no formato PDF transformou a BRAPCI, além de uma base de referência, também em um repositório da CI. Para que o periódico seja incluído na base, dentro das políticas de indexação está a de que ele deve ter como tema assuntos relativos à CI. Assim, foi sendo desenvolvida e consolidada a BRAPCI, que atualmente disponibiliza 53 revistas científicas, 16.015 trabalhos em revistas científicas e 2.244 trabalhos em eventos. De acordo com a BRAPCI (2016), de 1972 a 2014, ela contava com 954 fascículos, com 8.772 artigos, 53.154 citações (referências). Apresenta três módulos na sua configuração: o módulo público, para consultas rápidas; o módulo de manutenção,

para revisão e correções da base; e o módulo pesquisador, para análises bibliométricas.

3.2 UNIVERSO E AMOSTRA DA PESQUISA

Na pesquisa bibliográfica realizada na BRAPCI foram utilizados ao todo cinco descritores, separadamente: gênero, mulher, feminino, feminismo e sexo. Divididos em: palavras-chave, a busca foi por gênero, mulher, feminino, feminismo e sexo; por buscas gerais em "todos os campos", por gênero e mulher.

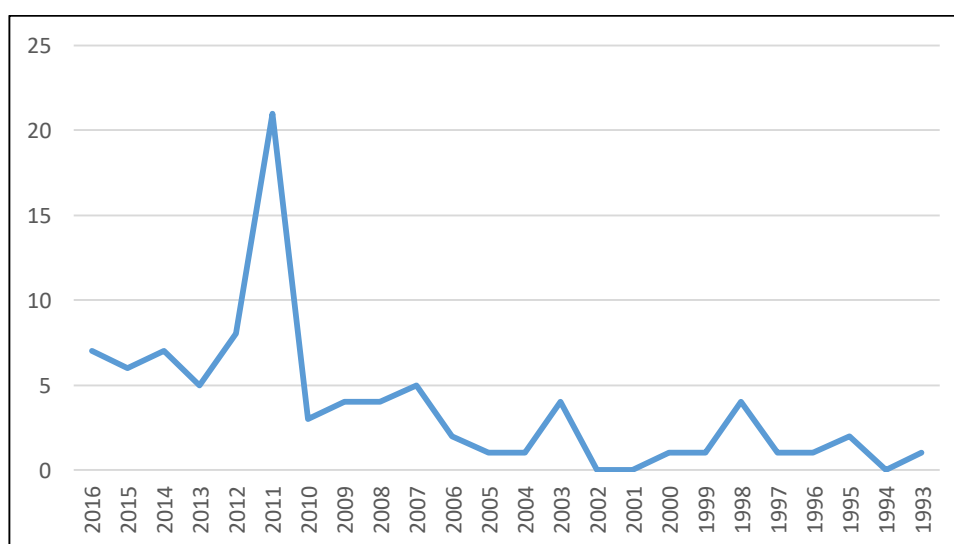
A busca também foi realizada utilizando os campos "título" e "resumo", mas não foram obtidos resultados, o que indica uma falha do sistema, pois quando pesquisado o termo gênero por "todos os campos" o que abrangeria "título" e "resumo", teve-se como resultado 181 registros, contudo a lista recuperada continha somente 50 artigos. Neste caso, como todos os autores são listados do lado direito da tela, os artigos foram procurados de forma a cobrir todos os resultados. Foram selecionados somente os artigos que tratavam da questão de gênero feminino/ masculino e de questões relacionadas a mulheres.

O universo da pesquisa é representado pelos 87 artigos recuperados e selecionados, entre os anos de 1993 a 2016 (lista das referências no Anexo A). Com esses 87 artigos, foram feitas análises a fim de se responder ao primeiro objetivo específico, sendo uma delas a leitura de seus resumos e palavras-chave para verificar quais as temáticas abordadas e, após, selecionar os que abordam o tema relações de gênero nas áreas de Biblioteconomia e CI, Seis artigos foram selecionados para a análise mais aprofundada, em que foram lidos na íntegra. Essa seleção se deu de forma a separar os artigos que poderiam, de modo mais distinto responder ao segundo objetivo específico e oferecer informações que pudessem ser considerados como representantes das características que se pretende estudar mais profundamente, qualificando esta seleção como amostragem intencional (GIL, 2008). É importante salientar que a pesquisa bibliográfica se deu durante o período de novembro a dezembro de 2016.

4 ANÁLISE DOS ARTIGOS

Apesar de apresentar uma tendência ao aumento, a produção de artigos sobre relações de gênero ainda se mostra pequena nas áreas de Biblioteconomia e CI, sendo apenas 87 artigos encontrados. Por meio do Gráfico 1 apresentado a seguir é possível perceber que foi com o decorrer dos anos que a produção de artigos sobre gênero feminino/ masculino aumentou, mesmo com aparente queda depois do ano de 2011.

Gráfico 1: Quantidade de artigos por ano de publicação



Fonte: a autora.

Percebe-se que desde o ano de 2007 houve um aumento no número de publicações, chegando ao ápice em 2011, o ano com o maior número de publicações, com 21 artigos publicados, distribuídos por nove revistas diferentes. Na revista Comunicação & Informação de Goiânia, por exemplo, em 2011 foram publicados 8 artigos relacionados a gênero feminino/ masculino, sendo o número 2 de 2011 da revista todo sobre questões de gênero, especialmente com foco em mulher, porém nenhum dos artigos publicados atenderam aos critérios de seleção para a análise qualitativa, sobre relações dentro da Biblioteconomia e da CI.

Os anos seguintes a 2011 apresentaram uma queda na produção de material, mas ainda assim os números se mantiveram acima da média dos anos anteriores. É importante enfatizar que a pesquisa se deu até o início de dezembro de 2016, portanto existe a possibilidade de mais artigos com a temática terem sido indexados na

BRAPCI após esse período e, conseqüentemente, não fazem parte da análise aqui apresenta.

A partir da leitura dos resumos de cada um dos 87 artigos encontrados, foi feita uma classificação temática para identificar o assunto principal abordado em cada artigo, dentro da temática de relações de gênero. Foram identificados 17 assuntos, além de uma categoria outros, listados no Gráfico 2 abaixo:

Gráfico 2: Temáticas dos artigos por quantidade



Fonte: a autora.

De acordo com os dados do Gráfico 2, foi possível observar que um dos assuntos mais abordados na discussão de gênero na CI é a representação de gênero no cinema, seguido por produtividade científica nas mais diversas áreas. Em terceiro lugar fica o movimento feminista, que também tem sido uma das temáticas mais discutidas e faz importantes debates sobre gênero. Por causa da Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde, do Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde (ICICT) da Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ), mais artigos sobre saúde da mulher têm sido produzidos. Também foi observado que tem aumentado a quantidade de estudos que tenham como foco a representação de gênero nos meios de comunicação, especialmente no cinema, mas

também, em menor grau, no jornalismo, na ficção televisa (seriados e telenovelas) e na publicidade.

Os artigos sobre representação do gênero no cinema, em sua maioria, se tratam de análises de personagens femininas nos filmes, e alguns deles analisam as personagens do cineasta Pedro Almodóvar. Enquanto na produtividade científica, os artigos, em sua maioria, abordam o estado da produção das mulheres em Ciência e Tecnologia, mas também nas áreas de Saúde, Ciências Sociais e Ciência da Informação, assim como fazem comparações entre a produtividade feminina e masculina, chegando à conclusão de que a feminina ainda está abaixo da masculina.

Os artigos com temática feminista, que é uma das mais discutidas, têm enfoque em grupos que compõem o movimento, como as punks e quilombolas, por exemplo, assim como seu histórico e suas bases. E também discutem a relação do movimento feminista com o uso das TICs e a mediação de informação entre as mulheres. Já os artigos que tangem sobre a saúde da mulher, trazem temáticas como: doenças sexualmente transmissíveis, infertilidade, menopausa, etc., além de discutirem sobre a disseminação de informações preventivas, objetos educacionais, tratamentos e formas como as mulheres lidam com as doenças e a saúde. Na imprensa feminina existem os estudos que focam em revistas que tem seu conteúdo direcionado às mulheres, assim como nas revistas e jornais que são compostos por conteúdos produzidos por mulheres. Mercado de trabalho é um tema que está sendo relativamente bastante debatido na área, com seis artigos. Com apenas dois artigos, a temática das relações de gênero no mercado de trabalho em Biblioteconomia ainda se mostra escassa.

Os artigos sobre a prevenção à violência abordam a disseminação de informação para conscientização sobre o problema e para auxílio às vítimas. As experiências de inclusão digital em diferentes grupos de mulheres, uso das TICs por elas e a comparação entre como homens e mulheres lidam com as TICs são trazidos nos artigos sobre o uso das TICs. Na representação de gênero no jornalismo são tratadas desde cartas de leitoras e leitores, leitura de jornal por mulheres até a forma como a violência contra a mulher é representada no jornalismo. E na ficção televisiva, são feitos estudos da representação de mulheres, e mesmo de homens, em seriados e telenovelas, assim como estudos de recepção a partir dessas construções identitárias. Já na publicidade, como as mulheres são representadas e como se vêm em propagandas televisivas.

Os artigos que têm como tema central o envelhecimento, fazem abordagens das representações na mídia, da construção social e do discurso para um bom envelhecimento. Os dois artigos sobre personalidades femininas retratam o papel e a importância de mulheres, um na Biblioteconomia soviética (Nadezdha Konstantinovna Krupskaja) e o outro na política argentina (Eva Perón). Os artigos sobre padrão de beleza têm dois focos distintos, um deles discute sobre a cirurgia plástica em busca de um corpo perfeito e como a padronização da beleza pode afetar a identidade feminina; o outro aborda esse assunto a partir do ponto de vista das adolescentes. E os dois artigos sobre a organização da informação tratam da linguagem documentária para representar estudos de gênero. Agora, os estudos de gênero na CI analisam no cenário nacional e internacional a produção sobre as relações de gênero na área de CI. Estudos como esse são de muita importância, pois possibilitam entender a produção. Os artigos sobre diferenças de gênero entre adolescentes abordam: hábitos de leitura que cultivam durante a adolescência e o outro trata das habilidades em matemática.

Na categoria outros ficaram os artigos que não pertenciam a nenhuma outra, são sete: informação e cidadania, direito matrimonial medieval, sexismo na linguagem, mediação da informação em biblioteca pública, memória e fotografia, influência dos papéis de gênero entre acadêmicas de Biblioteconomia e representação de gênero no rádio.

4.1 APRESENTAÇÃO DOS ARTIGOS SELECIONADOS SOBRE RELAÇÕES DE GÊNERO NA BIBLIOTECONOMIA E NA CI

É apresentada a análise de cada um dos seis artigos da área de Biblioteconomia e CI e como apresentam a discussão sobre gênero dentro destas mesmas áreas, seguindo a ordem de publicação, destacando seus objetivos de estudo e as relações de gênero nas áreas de Biblioteconomia e CI.

O artigo de Rasche (1998) “[...] tem como objetivo conhecer melhor a formação acadêmica de mulheres estudantes de Biblioteconomia do estado de Santa Catarina e as influências de papéis de gênero na área biblioteconômica.” De acordo com a autora, de certa forma, as mulheres constroem a Biblioteconomia, por somarem a maior parte de profissionais da área. Mas o mercado de trabalho se mostra desigual a respeito dos papéis de gênero pelo fato da mulher ocupar papéis sociais diferentes

na sociedade. Foi realizada pesquisa de campo com mulheres estudantes de Biblioteconomia em Santa Catarina que estivessem cursando os últimos períodos. Embora seja uma área com predominância de profissionais do sexo feminino, é destacado pela autora que: “Partindo para a área da biblioteconomia, tendo em vista que a grande maioria dos profissionais da área são mulheres, percebe-se que pouco se vê na literatura por elas produzida, textos sobre as questões de gênero envolvendo a mulher.” (RASCHE, 1998, p. 85). É ressaltado que, mesmo que a mulher esteja aos poucos ocupando cargos que são vistos como tradicionalmente masculinos, a diferença salarial e hierárquica ainda fica inferior ao homem. Ao final, é reconhecido que a questão de papéis de gênero diferentes para homens e mulheres também está enraizada na Biblioteconomia quando é considerado um curso direcionado para o sexo feminino.

O artigo de Ferreira (2003) aborda a mulher e o mercado de trabalho, com enfoque nas profissões vistas como femininas. A autora buscou dar ênfase aos profissionais da informação, assim como às razões para a escolha da profissão sob a perspectiva do gênero e, ainda, discutir o papel da bibliotecária, contribuindo para a revisão crítica. A autora também aborda o fato de como as mulheres têm entrado no mercado de trabalho, mas como essa maioria tem ido pra as profissões ditas como femininas, dentre elas a de bibliotecária e como os estudos gênero, que emergiram a partir da década de 1970, serviram para evidenciar que existem questões que influenciam as mulheres a escolherem profissões “femininas”, que antes passavam despercebidas. Ferreira cita que foi percebido por autoras feministas que começaram os estudos de gênero que as pesquisas até então realizadas mostraram na literatura a inexistência da mulher ou a sua representação pejorativa, revelando a desvalorização da mulher. A autora também observa que estudos com foco em gênero na Biblioteconomia ainda são pouco discutidos e, em geral, não aprofundam as questões de gênero na profissão da(o) bibliotecária(o). Salienta que o que dificulta também a discussão é o fato das(os) profissionais não relacionarem a desvalorização social da profissão com o fato de ser predominantemente feminina, além de não se darem conta de como as relações de gênero precisam ser estudadas e questionadas nos cursos de Biblioteconomia a fim de gerar discussão e buscar uma forma de transformá-las. Ressalta que essa ocorrência de mulheres em profissões ditas femininas é resultado de construções sociais, e não por possuírem “dom natural de servir”. E, ainda, quando inseridas nessas profissões, elas “[...] têm que provar

permanentemente que são competentes para inserir-se nesse mercado desigual [...]” (FERREIRA, 2003, p. 194). E é através dos estudos de gênero que se torna possível entender como se dão os processos históricos que submetem a mulher às posições de inferioridade. A autora conclui que “[...] trabalhar a questão de gênero como categoria de análise nos cursos de Biblioteconomia significa redimensionar o papel da bibliotecária, contribuindo para uma revisão crítica de seu trabalho enquanto profissional e enquanto cidadã.” (FERREIRA, 2003, p. 199).

Santo (2008), que é citada em outros dois artigos dentre os seis analisados aqui, busca levantar a produção científica no âmbito da CI no que se refere ao Estudo de Gênero. A autora coloca que “As mulheres constituem um grande público consumidor de informações, cujo comportamento merece ser investigado.” (SANTO, 2008, p. 318). O texto traz a perspectiva que enfatiza o afastamento do determinismo biológico das diferenças entre homens e mulheres para as construções sociais. A pesquisa feita pela autora engloba os anos de 2000 a 2007, e pode-se observar carência de pesquisas sobre uso, acesso e produção da informação pela mulher. Após a análise realizada, Santo verificou que entre os autores internacionais o tema mais explorado foi a diferença entre o número de artigos assinados por homens e o número assinados por mulheres, assim como foi observado neste estudo, com 9 artigos do tema sobre produtividade científica no Brasil, que em geral os homens são os que mais produzem. Dentre os nacionais, sua maioria é sobre mulher e Ciência e Tecnologia, e o acesso da mulher à informação. Destaca ainda que os poucos autores que estudam mulher e informação pouco publicam sobre seus estudos. Santo pontua que as adversidades enfrentadas hoje pelas mulheres têm raízes históricas e sociais, e por essa razão passam a ser vistas como “naturais”, portanto acabam sendo difíceis de serem combatidas, e concluiu que o “[...] campo ainda se vê carente de estudos e reflexões.” (SANTO, 2008, p. 328).

O artigo de Lima e Dias (2013) teve também como objetivo o levantamento das pesquisas sobre mulheres e gêneros. A pesquisa qualitativa foi realizada na BRAPCI e cobriu os anos de 1972 a 2011. Para a recuperação dos artigos as autoras utilizaram os termos mulher/es e relações/ estudos de gênero, nos títulos e palavras-chaves. Assim como Santo (2008), Lima e Dias (2013, p. 4) trazem o gênero como condição social, e enfatizam a forma que essas diferenças entre os gêneros são percebidas pela sociedade de forma que “[...] a construção e a distribuição de relações de poder embutidas nessa lógica subsidiam os processos de opressão das mulheres em

diferentes esferas sociais: na participação na vida pública, na inserção no mercado de trabalho [...]”. Lima e Dias (2013, p. 5) abordam o aspecto econômico ao pontuar que o reconhecimento do aumento na participação das mulheres na área de Biblioteconomia pode “[...] maximizar o uso do potencial intelectual dos países e, assim, acelerar o processo de desenvolvimento.” Concluíram após a pesquisa que “Apesar de existirem muitos trabalhos sobre gêneros oriundos de diversas partes do mundo, poucas referências são feitas às questões concernentes a gênero e informação.” (LIMA; DIAS, 2013, p. 14).

Já o estudo de Ferreira et al. (2013) tem como objetivo estudar as relações do mercado de trabalho para a profissional bibliotecária(o) no Estado do Maranhão no período de 1997 a 2010. Caracterizado como quantitativo e qualitativo, os dados foram coletados por meio de questionários com questões fechadas e abertas que viabilizaram as análises da relação direta entre formação acadêmica, satisfação com o trabalho, questão salarial e relações de gênero. Consoante com os artigos anteriores, os autores reconhecem as relações de gênero como construção social e que se desenvolve no mundo político a partir da cultura patriarcal e das relações de poder. Semelhante à Santo (2008), acreditam que, ainda hoje, o tema é pouco debatido em razão dos processos que configuram a desigualdade serem naturalizados perante a sociedade, então não são vistos como problema entre as categorias de trabalhadoras, o que foi constatado por meio da pesquisa quando as bibliotecárias maranhenses disseram não enxergam na sua condição de mulher a pouca valorização da profissão. Foi observado na época da pesquisa que cerca de 82,75% de trabalhadores da área eram mulheres e 17,24% eram homens, e esse quadro não abrange somente o estado do Maranhão, mas todos os estados brasileiros. Com a aplicação da pesquisa, Ferreira et al. constataram que ainda persistem antigos problemas na Biblioteconomia e um deles é a relação de gêneros.

No estudo descritivo de Bufrem e Nascimento (2012) para verificar a presença da mulher como produtora de informação, e também analisar como a temática gênero vem sendo trabalhada na literatura científica da área de CI no Brasil, foi utilizada a BRAPCI para a consulta de dados empíricos. Assim como os autores citados anteriormente, traz o gênero como construção social e faz relação com o movimento feminista, “[...] que passou a se utilizar do termo gênero no sentido mais literal, como o modo de constituição da relação social entre os sexos.” (BUFREM; NASCIMENTO, 2012, p. 201). O estudo destaca que a informação é um fator importante para diminuir

as desigualdades e ruir com o modelo binário de gêneros dentro das instituições e organizações, que poderiam minimizar a segregação no mercado. Segundo Bufrem e Nascimento (2012, p. 203), “Estudos como esses devem ser estimulados na área, pois envolvem análises sobre relações de poder [...]”. Bem como Lima e Dias (2013), a análise abrangeu de 1972 a 2011 e, visando aumentar o número de artigos revocados, foram utilizados os descritores “gênero” e “mulher”, pois as autoras entendem que ambos são complementares quando inseridos na temática. Chegaram ao resultado de 74 artigos que contemplavam a temática de gênero, “[...] em um universo de aproximadamente 5000 indexados na BRAPCI não coloca o tema entre os preferidos da área, é flagrante o aumento no interesse sobre a questão do gênero nos últimos cinco anos.” (BUFREM; NASCIMENTO, 2012, p. 207). Por meio dos resultados da pesquisa, as autoras concluíram que as mulheres têm tendência a assumir cargos e definir carreiras não por afinidades com determinada temática, mas sim pela imposição social da diferenciação sexual das áreas do conhecimento, atribuindo a “coisas de mulher” e “coisas de homem”, sendo a CI, talvez pela ligação com a Biblioteconomia, uma área feminina. Ressaltaram a importância do estabelecimento de políticas que incentivem a participação feminina na ciência e, além disso, também ampliem e aprofundem a discussão acerca dessas questões.

4.2 ANÁLISE DOS ARTIGOS SOBRE RELAÇÕES DE GÊNERO NA BIBLIOTECONOMIA E NA CI

Em um universo de 87 artigos, apenas seis serem considerados significativos para esta análise em particular, mesmo em relação ao número total de produções encontradas, é um indício de como a discussão ainda é pouco difundida no âmbito da Biblioteconomia e da CI, como área do conhecimento e prática profissional, como os próprios artigos apontam.

Dos seis artigos selecionados, todos concordam que as mulheres estão ganhando espaço no mercado de trabalho, de forma geral, e ainda constituem a maior parte da comunidade biblioteconômica. Mas esse fator não as isenta da desigualdade entre gêneros, seja na ocupação de cargos de importância dentro da instituição ou na diferença salarial ainda existente, como apontado por alguns dos textos como o de Rasche (1998) e Ferreira et al. (2013). Cinco dos artigos, que são eles: Ferreira (2003), Santo (2008), Lima e Dias (2013), Ferreira et al. (2013) e Bufrem e Nascimento

(2012), trabalham gênero como construção social e a desigualdade de gênero como resultado dessa construção, desde muito cedo enraizada na sociedade, de tal forma que os profissionais tenham as diferenças como questões naturalizadas e não vejam as depreciações das profissionais, o que dificulta ainda mais a discussão e transformação dessa prática.

Como exposto anteriormente, os artigos analisados também sinalizam a baixa produção científica destinadas às mulheres ou produzidas por elas, e questões de gênero na CI: são poucas as mulheres que publicam e, quando o fazem, não é com frequência; notou-se que os artigos relacionados ao tema de gênero nas mais diversas áreas não as traziam como foco da discussão e, se faziam, geralmente era de forma depreciativa, como indica Ferreira (2003). Os autores analisados ressaltam a relevância do estudo para a área, pois destacam que um maior uso e produção da informação pelas mulheres poderia promover o debate sobre essas questões sociais e seria um dos meios de desestruturar os modelos binários baseados no sexo dentro das instituições e no meio social, assim como reduzir a segregação ainda presente.

Apenas dois dos artigos, de Ferreira (2003) e Ferreira et al. (2013), têm enfoque no mercado de trabalho, enquanto os outros artigos simplesmente mencionam, sem muito se aprofundarem no assunto. Porém, nenhum dos textos tinha como enfoque principal a relação entre gênero e cargos de chefia na Biblioteconomia, o que enfatiza que quando se pensa no mercado de trabalho da Biblioteconomia, a produção técnico-científica é ainda menor.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A discussão sobre a desigualdade de gêneros vem ganhando espaço aos poucos conforme os anos passam. Como ilustrado no Gráfico 2, os maiores focos nas produções encontradas na BRAPCI têm sido sobre a produtividade feminina, as representações de gênero nos meios de comunicação, especialmente no cinema, estudos sobre os movimentos feministas e a saúde da mulher. A produtividade científica possui um número considerável de artigos em razão da Comunicação Científica ser um dos campos de estudo com bastante espaço no Brasil. Outro tema que se mostra com bastante discussão na área de CI é movimentos feministas, que apresentam um percentual alto de artigos. Isso pode indicar que a área tem mostrado maior interesse e abertura para a discussão da questão de relações de gênero de uma forma mais ampla, pois a discussão ainda se mostra escassa quando se trata da atuação profissional na Biblioteconomia.

A questão de gêneros passou a ser mais difundida por volta da década de 1970 quando as feministas começaram a usar o termo de modo que houvesse o afastamento do determinismo biológico e se aproximasse do olhar social do que se entende por mulher e homem. Sob essa nova perspectiva, os comportamentos que antes eram vistos como naturais do ser humano, foram percebidos como, na verdade, frutos de uma sociedade fundamentalmente patriarcal, que se construiu da desigualdade de gêneros, sendo a mulher subjugada tanto em âmbitos privados como em públicos.

A difusão do tema, com o passar dos anos, permitiu que as mulheres comesçassem a compreender que também podiam usufruir dos mesmos direitos que eram concedidos apenas aos homens, elas então passaram a exigir e lutar por condições mais justas e igualitárias. Os direitos e espaços que conquistaram, mesmo que longe do cenário ideal, foram resultado de resistência e persistência. Por isso a importância da continuidade e ampliação do debate, para que mais mulheres possam continuar a conquista por seu espaço e seus direitos na sociedade.

Nas áreas de Biblioteconomia e CI, no Brasil, a discussão sobre o tema ainda se mostra pouco consolidado. A análise da produção de artigos permitiu perceber que a quantidade de materiais dedicados a desigualdade de gênero nas áreas não corresponde à importância da discussão na Biblioteconomia e na CI, levando em consideração o fato de ser uma profissão majoritariamente feminina em razão do

número expressivo de mulheres atuantes na profissão. Foi percebido que há uma concentração de autores que trabalham com o tema e, até mesmo estes, não produzem com muita frequência, consequentemente o debate acerca das relações de gênero na Biblioteconomia e na CI se torna limitado e pouco difundido. Um indicativo disso é o fato de a discussão sobre as relações de gênero nas áreas era pequena em 1993, e em 2016 ela continua sendo pouco discutida, apesar do aumento de artigos, não foi de forma substancial, como pode ser observado no Gráfico 1. Outra dificuldade encontrada para a discussão é o fato das(os) profissionais, em sua maioria, não relacionarem a desvalorização social da profissão de bibliotecária(o) com o fato dela ser predominantemente feminina.

Assim como nas relações sociais de modo geral, o mercado de trabalho ainda traz reflexos da cultura patriarcal, em que leis foram feitas pelos homens e para os homens. A Biblioteconomia, desde muito cedo, assim que começaram seus cursos, era vista como um curso sem muita importância que mulheres faziam enquanto seus maridos trabalhavam, o que contribuiu com a visão da profissão como feminina em razão da aproximação com as tarefas domésticas, que também são associadas ao gênero feminino, fazendo com que ocorra a segregação horizontal na profissão. Outro aspecto é a segregação vertical que, apesar da profissão ser majoritariamente feminina, os cargos de chefia dentro das instituições ainda são, em sua maioria, ocupados por homens. Na CI é apontado que, mesmo que componham um número significativo de consumidoras de informação, ainda é baixa a produção de artigos escritos por elas ou sobre elas.

O cenário atual mostra sinais de mudança, a partir da análise dos seis artigos, a discussão sobre relação de gênero na CI se mostra em crescimento em relação a anos anteriores, de forma ainda mais ampla que na Biblioteconomia, no que tange às relações de mercado de trabalho. Contudo, frente à naturalização das posições de homens e mulheres no mercado de trabalho, ainda persistente na maioria das profissões, assim como na Biblioteconomia, que apresenta como construção histórica a mulher em posição inferior, a discussão sobre gênero e profissões torna-se muitíssimo importante, para que seja feita a reflexão dessa construção e então as mulheres sejam capazes de encontrar a melhor forma de atravessar as barreiras machistas ainda existentes em meio à sociedade e possam conquistar condições mais justas.

Dada a importância da discussão de gênero na Biblioteconomia, e como se trata de um tema ainda em andamento, há a pretensão de aprofundamento dos estudos, estendendo a análise para novas bases de dados e fontes de informação para que possa expandir o universo da pesquisa e seja feita uma análise mais ampla da situação da produção técnico-científica em relação a gênero e mercado de trabalho na Biblioteconomia no Brasil.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas**. [S.l.]: Companhia das Letras, 2014.

ALMEIDA, Neília Barros Ferreira de. **Biblioteconomia no Brasil**: análise dos fatos históricos da criação e do desenvolvimento do ensino. 2012. 159 f., il. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação)—Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2012. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/11170/1/2012_NeiliaBarrosFerreiradeAlmeida.pdf>. Acesso em: 08 nov. 2016.

ARAÚJO, Maria de Fátima. Diferença e igualdade nas relações de gênero: revisitando o debate. **Psicologia clínica**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 41-52, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pc/v17n2/v17n2a04.pdf>>. Acesso em: 21 out. 2016

BASE DE DADOS REFERENCIAIS DE ARTIGOS DE PERIÓDICOS EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, **Histórico**. Paraná, 2016. Disponível em: <http://basessibi.c3sl.ufpr.br/brapci/index.php/brapci/about>.> Acesso em: 15 nov. 2016.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**: fatos e mitos. 4. ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1960. Disponível em: <<http://brasil.indymedia.org/media/2008/01/409660.pdf>>. Acesso em: 22 out. 2016.

BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BRASIL. Senado Federal. **Código civil**: quadro comparativo: 1916/2002. Brasília, 2003. Disponível em: <<https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/70309/704509.pdf?sequence=2>>. Acesso em: 19 nov. 2016.

BUFREM, Leilah Santiago.; NASCIMENTO, Bruna S. do. A questão do gênero na literatura em ciência da informação. **Em Questão**: Revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS, Porto Alegre, v. 18, n. 3, p. 199-14, dez. 2012. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/11914>>. Acesso em: 15 nov. 2016.

COSTA, Ana Alice. Gênero, poder e empoderamento das mulheres. A **química das mulheres**, Salvador, p. 20-21, 2008. Disponível em: <<https://pactoglobalcreapr.files.wordpress.com/2012/02/5-empoderamento-ana-alice.pdf>>. Acesso em: 25 nov. 2016.

CUNHA, Maria de Fátima. Mulher e historiografia: da visibilidade à diferença. **História e Ensino**: Revista do laboratório de Ensino de História, [Londrina], v. 6, p. 141-161, 2000. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/histensino/article/view/12396/10864>>. Acesso em: 24 nov. 2016.

DEGRAFF, Deborah S.; ANKER, Richard. Gênero, mercado de trabalho e o trabalho das mulheres. **Demographicas**, [S.l.], p. 163-197, 2004.

EPSTEIN, Cynthia Fuchs. Great divides: the cultural, cognitive, and social bases of the global subordination of women. **American Sociological Review**, [S.l.], v. 12, Feb., p.1-25, 2007. Disponível em:

<<http://www.asanet.org/sites/default/files/savvy/images/journals/docs/pdf/asr/Feb07ASRFeature.pdf>>. Acesso em: 23 nov. 2016.

EVOLUÇÃO histórica da mulher na legislação civil. In: MUNDO vestibular. [S.l.], 2016. Disponível em:

<<http://www.mundovestibular.com.br/articles/2772/1/EVOLUCAO-HISTORICA-DA-MULHER-NA-LEGISLACAO-CIVIL/Paacutegina1.html>>. Acesso em: 19 nov. 2016.

FERREIRA, Maria Mary. et al. As relações de classe e de gênero no mercado de trabalho do profissional bibliotecário no estado do maranhão. **Múltiplos Olhares em Ciência da Informação**, Marília, v. 3, n. 2, p. 4-25, jan./jun. 2013. Disponível em:

<<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/21227>>. Acesso em: 15 nov. 2016.

FERREIRA, Maria Mary; BORGES, Elinielle Pinto; BORGES, Luís Cláudio. Mercado de trabalho e a desigualdade de gênero na profissão da/o bibliotecária/o. In:

ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDANTES DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO, GESTÃO, E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 33., 2010, João Pessoa. **Anais eletrônicos...** João Pessoa: UFPB, 2010. Disponível em:

<<http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/biblio/article/viewFile/9637/5227>>. Acesso em: 12 nov. 2016.

FERREIRA, Maria Mary; VEIGA, Marcos Aurélio Pereira. Bibliotecário, trabalho e salário: o profissional da informação na sociedade de mercado. In: JORNADA INTERNACIONAL DE POLÍTICAS PÚBLICAS: O DESENVOLVIMENTO DA CRISE CAPITALISTA E ATUALIZAÇÃO DAS LUTAS CONTRA A EXPLORAÇÃO, A DOMINAÇÃO E A HUMILHAÇÃO, 6., 2013, São Luís. **Anais...** São Luís: UFMA, 2013. Disponível em: <<https://goo.gl/1H40fT>>. Acesso em: 24 nov. 2016.

FERREIRA, Maria Mary. A/o profissional da informação no mundo do trabalho e as relações de gênero. **Transinformação**, Campinas, SP, v. 15, n. 2, p. 189-201, maio/ago. 2003. Disponível em:

<<http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2013/JornadaEixo2013/anais-eixo2-transformacoesnomundodotrabalho/bibliotecarios-trabalhoesalario-oprofissionaldainformacaonasociedadedemercado.pdf>>. Acesso em: 07 nov. 2016.

FORREST, Niara Paz Romero. **Gênero e relações de poder na Biblioteconomia**. 2014. 85 f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Biblioteconomia)– Faculdade de Ciência da Informação, Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2014. Disponível em:

<http://bdm.unb.br/bitstream/10483/8590/1/2014_NiaraPazRomeroForrest.pdf>. Acesso em: 10 out. 2016.

FREITAS; Lilian Aguiar; COUTINHO, Luciano Rodrigues de Souza. A percepção de trabalhadoras da área de saúde quanto às relações de poder e gênero no ambiente laboral: um estudo de caso de duas turmas de MBA da UFRJ. In: CONGRESSO NACIONAL DE ADMINISTRAÇÃO E CONTABILIDADE, 6., 2015, Rio de Janeiro. **[Trabalho apresentados]**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2015. Disponível em: <<http://www.adcont.net/index.php/adcont/adcont2015/paper/view/1959>>. Acesso em: 24 nov. 2016.

FURLAN, Cássia; MULLER, Verônica. Extratos familiares, gênero e a divisão sexual do trabalho. **Revista Ártemis**, João Pessoa, v. 16, n. 1., 2013. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/index.php/artemis/article/viewFile/17355/9876>>. Acesso em: 27 nov. 2016.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**: questionário; entrevistas e análise e interpretação. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa mensal de emprego**: mulher no mercado de trabalho: perguntas e respostas. Brasília, DF: IBGE, 08 mar. 2010. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento/pme_nova/Mulher_Mercado_Trabalho_Perg_Resp.pdf>. Acesso em: 20 out. 2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa mensal de emprego**: mulher no mercado de trabalho: perguntas e respostas. Brasília, DF: IBGE, 08 mar. 2012. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento/pme_nova/Mulher_Mercado_Trabalho_Perg_Resp_2012.pdf> Acesso em: 11 out. 2016.

LIMA, Francisca Rosimere Alves de; DIAS, Karla Cristina Oliveira. Levantamento das produções sobre mulheres e relações de gênero nos artigos de periódicos em ciência da informação. **Múltiplos Olhares em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 3, n. 2, p. 1-15, 2013. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/21302>>. Acesso em: 15 nov. 2016.

MARTUCCI, Elisabeth Márcia. A feminização e a profissionalização do magistério e da biblioteconomia: uma aproximação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 1, n. 2, p. 225-244, 1996. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/2504>>. Acesso em: 11 dez. 2016.

MURGAI, Sarla. Motivation to manage and status of women in library and information science: a comparative study among the United States, India, Singapore and Thailand. **The Southeastern Librarian**, [S.l.], v. 52, n. 1, p. 16-29, Spring 2004. Disponível em: <<http://www.librarystudentjournal.org/index.php/ljsj/article/view/129/230>>. Acesso em: 15 nov. 2016.

OLINTO, Gilda. Biblioteconomia e profissões femininas. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 18., 1997, São Luís. **Anais C/N**. São Luís: [s.e.], 1997.

ORGANISATION FOR ECONOMIC CO-OPERATION AND DEVELOPMENT.

Measuring gender (ine)quality: introducing gender institutions and development data base. [S.l.], 2006. Disponível em em:<<http://www.oecd.org/dev/36228820.pdf>>. Acesso em: 11 nov. 2016.

RASCHE, Francisca. Papéis de gênero e sua influência na formação acadêmica de mulheres estudantes de biblioteconomia em Santa Catarina. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Santa Catarina, v. 3, n. 3, p. 77-95, 1998. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/8173>>. Acesso em: 15 nov. 2016.

SAFFIOTI, Heleieth I.B. **O poder do macho**. [S.l.: s.e.], 1987. Disponível em: <<https://www.passeidireto.com/arquivo/6090607/saffioti-heleieth-ib-o-poder-do-macho>>. Acesso em: 05 nov. 2016.

SANTO, Patrícia Espírito. Os estudos de gênero na ciência da informação. **Em Questão**: Porto Alegre, v. 14, n. 2, p. 317-332, jul./dez. 2008. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/5330>>. Acesso em: 15 nov. 2016.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1989. Disponível em: <https://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/185058/mod_resource/content/2/G%C3%AAnero-Joan%20Scott.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2016.

SOUZA, Beatriz Alves de. **O gênero na Biblioteconomia: percepção de bibliotecários**. 2014. 270 f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas)–Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, Florianópolis, 2014. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/129392/329405.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 24 nov. 2016.

VILLELA, Wilza Vieira. Feminilidades: corpos e sexualidades em debate. **Ciência Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, p. 647-648, fev. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232016000200647&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 17 nov. 2016.

WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e dominação das mulheres e homofobia . **Revista de Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 460-482, 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v9n2/8635.pdf>>. Acesso em: 24 nov. 2016.

ZAULI, Amanda; TORRES, Claudio Vaz; GALINKIN, Ana Lucia. Câmara dos deputados: democracia e igualdade de oportunidades entre mulheres e homens?. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 49-64, jun. 2012 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-37172012000100005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 11 out. 2016.

ANEXO A – REFERÊNCIAS LOCALIZADAS SOBRE DESIGUALDADE DE GÊNERO NA BRAPCI

ABATH, R. J.; IRELAND, T. D. Os grupos de mulheres no estado da paraíba na conjuntura de novos espaços: um estudo de caso. **Informação & Sociedade: Estudos**, v. 8, n. 1, p. 45-63, 1998. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/1554>>. Acesso em: 21 nov. 2016.

ALENCAR, M. C. O. F.; ABREU, L. S. A relação da mulher e a terra na revista agriculturas: uma análise de conteúdo. **Revista Digital de Biblioteconomia & Ciência da Informação**, Campinas, v. 8, n. 2, p. 190-198, jan./jun. 2011. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/9778>>. Acesso em: 15 nov. 2016.

ALMEIDA, A. R. D.; TERRA, C.; SANTINI, R. M. Feminismo 2.0: a mobilização das mulheres no brasil contra o assédio sexual através das mídias sociais (#primeiroassedio). **Revista P2P e INOVAÇÃO**, v. 3, n. 1, 2016. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/20954>>. Acesso em: 21 nov. 2016.

ALONSO-ARROYO, A. et al. Obstáculos à produtividade científica de professoras universitárias da área de ciências da saúde. **Brazilian Journal of Information Science**, Marília, v. 7, n. 1, p. 4-25, 2013. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/13480>>. Acesso em: 15 nov. 2016.

ÁLVARES, C. U.; MARTINS, I. S. R. L.; CARDOSO, D. S. Argumentação numa esfera pública reticular: as vozes femininas online. **Comunicação & Informação**, v. 14, n. 2, 2011. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/11903>>. Acesso em: 22 nov. 2016.

AYUSO-GARCÍA, M. D. Estudio de género en la producción científica de la Universidad de Murcia (1991-1995). **Transinformação**, Campinas, v. 9, n. 3, p. 135-148, 1997. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/268>>. Acesso em: 15 nov. 2016.

BARBOZA, A. A. S.; GONÇALVES, R. B.; RAMOS, C. R. R. A participação de mulheres na revista do globo: porto alegre/rs (1929-1939). **BIBLOS - Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação**, v. 23, n. 2, p. 33-41, 2009. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/8448>>. Acesso em: 21 nov. 2016.

BERARDO, R. L'auto-représentation des femmes autochtones canadiennes. **Comunicação & Informação**, v. 10, n. 2, p. 62-76, 2007. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/8990>>. Acesso em: 21 nov. 2016.

BITENCOURT, C. C. et al. Vida da mulher no climatério: um mapeamento das alterações manifestadas. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde**, v. 5, n. 3, 2011. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/18798>>. Acesso em: 22 nov. 2016.

BLANK, C. K.; DAMASCENO, A. P. A nova leitura feminina: o que as adolescentes

estão lendo?. **Biblionline**, João Pessoa, v. 7, n. 1, p. 38-45, 2011. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/10796>>. Acesso em: 15 nov. 2016.

BRAGA, A. Corporeidade discursiva na imprensa feminina: um estudo de editoriais. **Em Questão**: Revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS, Porto Alegre, v. 9, n. 1, p. 109-120, 2003. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/3341>>. Acesso em: 15 nov. 2016.

BRASILIANSE, D. R.; ANSEL, P. Representações da masculinidade viril contemporânea no programa popular da rádio Cidade FM: hora dos perdidos. **Revista Eletrônica de Comunicação**: Informação & Inovação em Saúde, Rio de Janeiro, v. 10, n. 3, p. 1-15, abr./jun. 2016. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/21091>>. Acesso em: 15 nov. 2016.

BUFREM, L. S.; NASCIMENTO, B. S. A questão do gênero na literatura em ciência da informação. **Em Questão**: Revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS, Santa Catarina, v. 18, n. 3, p. 199-14, dez. 2012. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/11914>>. Acesso em: 15 nov. 2016.

CAMARGO, M. V. R. G. P. O. Coletânea do ita: autoria em artigos de revisão e científicos (1980/1989). **Transinformação**, v. 10, n. 1, p. 106-119, 1998. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/9751>>. Acesso em: 21 nov. 2016.

CAPPARELLI, S. R. Comunicação de classe e de gênero: o caso Eva Perón. **Revista de Biblioteconomia & Comunicação**, Porto Alegre, v. 7, n. 1, p. 94-107, 1996. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/3967>>. Acesso em: 15 nov. 2016.

CARBALLIDO, E. H. N. Mexico's press history from a gender perspective. **Comunicação & Informação**, Goiânia, v. 14, n. 2, p. 66-95, jul./dez. 2011. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/19834>>. Acesso em: 15 nov. 2016.

CARVALHO, K. T. A imprensa feminina no rio de janeiro, anos 20: um sistema de informação cultural. **Ciência da Informação**, v. 24, n. 1, p. 1-11, 1995. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/811>>. Acesso em: 21 nov. 2016.

CASTRO, A. L. Saúde e estética: a medicalização da beleza. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde**, v. 5, n. 4, 2011. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/18294>>. Acesso em: 21 nov. 2016.

CASTRO, K. L.; CASTRO, J. L.; OLIVEIRA, A. N. La moda como objeto de información: el caso del movimiento feminista punk Riot Grrrl. **AtoZ**: Novas Práticas em Informação e Conhecimento, Curitiba, v. 4, n. 1, p. 24-33, jan./jun. 2015. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/17852>>. Acesso em: 15 nov. 2016.

CESAR, M. R. A. A diferença no currículo ou intervenções para uma pedagogia queer. **ETD - Educação Temática Digital**, Campinas, v. 14, n. 1, p. 351-362, jan./jun. 2012. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/12761>>. Acesso em: 15 nov. 2016.

CORTES, B. A. Women's work: gender equality vs hierarchy in the life sciences. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde**, v. 2, 2008. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/18353>>. Acesso em: 22 nov. 2016.

CÔRTEZ, G. R.; ALVES, E. C.; SILVA, L. K. B. R. Mediação da informação e violência contra mulheres: disseminando dados quantitativos no centro estadual de referência da mulher fátima lopes. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, v. 8, n. 2, p. GT3-1, 2015. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/19435>>. Acesso em: 22 nov. 2016.

CÔRTEZ, G. R.; ARAÚJO, W. J.; SILVA, D. L. Sistema atende mulher: sistema de informação no centro de referência da mulher ednalva bezerra. **Informação & Sociedade: Estudos**, v. 24, n. 2, 2014. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/18470>>. Acesso em: 22 nov. 2016.

CÔRTEZ, G. R.; LUCIANO, M. C. F. L.; DIAS, K. C. O. A informação no enfrentamento à violência contra mulheres: centro de referência da mulher "ednalva bezerra": relato de experiência. **Biblionline**, 2012. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/19187>>. Acesso em: 21 nov. 2016.

CRIPPA, G. O pensamento da diferença e a mediação da informação institucional em bibliotecas públicas: considerações teóricas sobre mediação de gênero. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, v. 4, n. 1, 2011. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/12402>>. Acesso em: 21 nov. 2016.

DIAS, C. M. G. C.; MOREIRA, L. B. C.; SANTOS, A. K. "women's card": communication processes in the construction of a health printed material. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde**, v. 6, n. 4, 2012. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/19031>>. Acesso em: 22 nov. 2016.

FAJARDO, E. G. N. Construção de gênero e ficção televisiva na Espanha. **Comunicação & Informação**, Goiânia, v. 9, n. 2, p. 248-259, jul./dez. 2006. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/13219>>. Acesso em: 15 nov. 2016.

FERNANDES, I. C. C.; FONSECA, V. P. S. A cobertura da violência contra as mulheres nos jornais de cabo verde. **Em Questão: Revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS**, Santa Catarina, v. 18, n. 3, p. 215-228, jul./dez. 2012. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/12460>>. Acesso em: 15 nov. 2016.

FERREIRA, M. M. O profissional da informação no mundo do trabalho e as relações de gênero. **Transinformação**, v. 15, n. 2, 2003. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/20371>>. Acesso em: 22 nov. 2016.

FERREIRA, M. M. et al. As relações de classe e de gênero no mercado de trabalho do profissional bibliotecário no estado do maranhão. **Múltiplos Olhares em Ciência da Informação**, Marília, v. 3, n. 2, p. 4-25, jan./jun. 2013. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/21227>>. Acesso em: 15 nov. 2016.

FILIZOLA, M. L. C. S.; SIMSON, O. R. M. V. Fotografia e pesquisa-ação: uma experiência. **ETD - Educação Temática Digital**, v. 12, n. 2, p. 211-232, 2011. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/10301>>. Acesso em: 21 nov. 2016.blank

GASPAR, N. D. R.; MALVESTIO, E. M. Práticas discursivas no cuidado com os corpos em almodóvar: laços familiares atuais instituídos pelo sujeito feminino. **InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, v. 2, n. 2, 2011. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/20613>>. Acesso em: 21 nov. 2016.

GERBASE, C. O corpo feminino no cinema: entre a fascinação vital e o pecado mortal. **Comunicação & Informação**, v. 11, n. 2, p. 181-191, 2008. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/6318>>. Acesso em: 21 nov. 2016.

GONÇALVES, V. O.; MARTÍNEZ, J. P. Body image of adolescents: as study on gender relations and influence of the mass media. **Comunicação & Informação**, Goiânia, v. 17, n. 2, p. 139-154, jul./dez. 2014. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/16238>>. Acesso em: 15 nov. 2016.

GONTIJO, C. H. R. Motivação e criatividade em matemática: um estudo comparativo entre alunas e alunos de ensino médio. **ETD - Educação Temática Digital**, Campinas, v. 10, p. 147-167, out. 2009. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/7845>>. Acesso em: 15 nov. 2016.

GROHMANN, M. R. Z.; BATTISTELLA, L. F. Homens e mulheres "aceitam" de maneira diferente? impacto do gênero no modelo (expandido) de aceitação da tecnologia -tam. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 21, n. 1, p. 175-189, jan./abr. 2011. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/10198>>. Acesso em: 15 nov. 2016.

HANSEN, F. B.; WEIZENMANN, C. T. S. Don't women want to create? Notes about the institutionalization of advertising creation jobs in Porto Alegre's market. **Comunicação & Informação**, Goiânia, v. 18, n. 1, p. 21-36, jan./jun. 2015. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/19912>>. Acesso em: 15 nov. 2016.

HARDING, S. Gênero, democracia e filosofia da ciência. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p.163-168, jan./jun. 2007. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/18731>>. Acesso em: 15 nov. 2016.

HAYASHI, M. C. P. I. et al. Indicadores da participação feminina em ciência e tecnologia. **Transinformação**, v. 19, n. 2, p. 169-187, 2007. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/466>>. Acesso em: 21 nov. 2016.

HAYASHI, C. R. M.; RIGOLIN, C. C. D.; HAYASHI, M. C. P. I. Métricas da participação feminina na ciência e tecnologia no contexto dos INCTs. **Liinc em revista**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 143-170, maio 2013. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/13299>>. Acesso em: 15 nov. 2016.

HOLLENBACH, G. B. O casamento e a TPM: novos tempos, novos sentidos. **Em Questão**: Revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS, Porto Alegre, v. 9, n. 2, p. 255-269, 2003. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/6328>>. Acesso em: 15 nov. 2016.

LARA NETTO, M. M. Zika by women's voice. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde**, v. 10, n. 3, 2016. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/21113>>. Acesso em: 22 nov. 2016.

LIMA, M. P. Gênero, poder e cultura jurídica: um ensaio historiográfico. **BIBLOS**: Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação, Rio Grande, v. 21, n. 1, p. 133-153, 2007. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/493>>. Acesso em: 15 nov. 2016.

LIMA, F. R. A.; DIAS, K. C. O. Levantamento das produções sobre mulheres e relações de gênero nos artigos de periódicos em ciência da informação. **Múltiplos Olhares em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 3, n. 2, p. 1-15, 2013. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/21302>>. Acesso em: 15 nov. 2016.

LÓPEZ-HUERTAS, M. A. J.; RAMÍREZ, I. T. Terminología de género. sesgos, interrogantes, posibles respuestas. **DataGramaZero**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 5, não paginado, out. 2005. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/3156>>. Acesso em: 15 nov. 2016.

MACHADO, L. A desigualdade é vermelha? **Comunicação & Informação**, Goiânia, v. 14, n. 2, p. 154-168, jul./dez. 2011. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/11899>>. Acesso em: 15 nov. 2016.

MACHADO, S. S. O que o cidadão Kane tem a ver com a rainha Christina?: a economia e a política dos estereótipos de gênero no cinema de Hollywood. **Comunicação & Informação**, Goiânia, v. 11, n. 2, p. 240-260, jul./dez. 2008. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/6312>>. Acesso em: 15 nov. 2016.

MACIEL, A. D. O lugar das mulheres: gênero e inclusão digital. **Revista P2P e INOVAÇÃO**, v. 2, n. 1, 2015. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/17332>>. Acesso em: 21 nov. 2016

MANO, M. K. Internet, feminisms and the possibility of interim units. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde**, v. 9, n. 4, 2015. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/19062>>. Acesso em: 21 nov. 2016.

MELO, M. C. P.; OLIVEIRA, M. S. M.; SILVA, R. M. S. ótica das mulheres sobre o preservativo masculino no espaço prisional em Juazeiro-ba. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde**, v. 6, n. 3, 2012. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/18942>>. Acesso em: 22 nov. 2016.

MENDONÇA, M. L. M. Imagens do envelhecimento: como a mídia brasileira representa a mulher de meia idade. **Comunicação & Informação**, v. 14, n. 2, 2011. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/11900>>. Acesso em: 22 nov. 2016.

MONTIEL, A. E. V. ética feminista e comunicação. **Comunicação & Informação**, v. 14, n. 2, 2011. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/11905>>. Acesso em: 21 nov. 2016.

MONTORO, T. N.; DUMARESQ, C. Corpo, desejo e erotismo na narrativa da série de tv: Mandrake. **Comunicação & Informação**, Goiânia, v. 14, n. 2, p. 214-227, jul./dez. 2011. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/11896>>. Acesso em: 15 nov. 2016.

MORAES, M. G. Linguagens documentárias e a construção do pensamento crítico: reflexões sobre o tesouro para estudos de gênero e sobre a mulher. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, v. 7, n. 1, 2014. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/16076>>. Acesso em: 21 nov. 2016.

MUNÓZ-MUÑOZ, A.; GARCÍA, E. G.; AVILÉS, N. R. Mujeres del medio rural y nuevas tecnologías de la información y la comunicación: resultados del proyecto rur@lia. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 33, n. 3, p. 111-115, 2004. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/3048>>. Acesso em: 15 nov. 2016.

NASCIMENTO, M. J. Informação e cidadania: necessidades e formas de busca por parte da mulher catarinense. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 13, n. 2, p. 123-150, 2003. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/7718>>. Acesso em: 15 nov. 2016.

NASCIMENTO, M.; FONSECA, V. Da “anatomia como destino” ao “cruzamento das fronteiras”: gênero e sexualidade no mundo de Almodóvar. **InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, Ribeirão Preto, v. 2, n. 2, p. 67-76, jul./dez. 2011. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/20614>>. Acesso em: 15 nov. 2016

NERI, A. L. Trabalhador idoso. **Revista Online da Biblioteca Prof. Joel Martins**, v. 1, n. 2, 2000. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/3510>>. Acesso em: 22 nov. 2016.

NOVELLINO, M. S. F. Disseminação de informações sobre a epidemia de hiv/aids para mulheres. **Ciência da Informação**, v. 22, n. 3, p. 245-247, 1993. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/2428>>. Acesso em: 21 nov. 2016.

NOVELLINO, M. S. F.; TAVARES, R. S. S. Coleta de informações em estudos sociais: abordagens quantitativas e qualitativas para analisar centros de referência de atendimento às mulheres em situação de violência. **AtoZ: Novas Práticas em Informação e Conhecimento**, v. 2, n. 1, p. 10-21, 2013. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/14206>>. Acesso em: 22 nov. 2016.

OLINTO, G. A inclusão das mulheres nas carreiras de ciência e tecnologia no brasil. **Inclusão Social**, Brasília, DF, v. 5 n. 1, p. 68-77, jul./dez. 2011. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/12427>>. Acesso em: 15 nov. 2016.

OLIVEIRA, N. P.; SILVEIRA, F. C. J. N. Mulheres cariocas e práticas de leitura nos anos de 1920: um estudo documental a partir das revistas fon-fon e jornal das moças. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 21, n. 2, 2016. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/20696>>. Acesso em: 21 nov. 2016.

PACÍFICO, S. M. R.; ROMÃO, L. L. M. S. A memória e o arquivo produzindo sentidos sobre o feminino. **Em Questão: Revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS**, v. 12, n. 1, p. 73-90, 2006. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/4196>>. Acesso em: 21 nov. 2016.

PEREIRA, C. C. S. M.; SANTOS, J. O.; BARREIRA, M. I. J. S. Empoderamento das mulheres quilombolas: contribuições das práticas mediacionais desenvolvidas na ciência da informação. **Em Questão: Revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS**, v. 22, n. 2, 2016. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/20798>>. Acesso em: 21 nov. 2016.

PERUCCHI, V.; SOUSA, B. A. Uso da informação no processo de tomada de decisão pelas mulheres gestoras da reitoria do ifpb. **Revista Digital de Biblioteconomia & Ciência da Informação**, v. 9, n. 2, p. 110-123, 2012. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/11679>>. Acesso em: 21 nov. 2016.

PORTELA, C. Telenovela: produto de consumo cultural masculino? **Comunicação & Informação**, Goiânia, v. 13, n. 1, p. 69-77, jan./jul. 2010. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/12452>>. Acesso em: 15 nov. 2016.

RAMOS, R. Sex and city: o protagonismo feminino na pós-modernidade. **Comunicação & Informação**, v. 12, n. 2, p. 118-125, 2009. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/9305>>. Acesso em: 21 nov. 2016.

RASCHE, F. Papéis de gênero e sua influência na formação acadêmica de mulheres estudantes de biblioteconomia em Santa Catarina. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Santa Catarina, v. 3, n. 3, p. 77-95, 1998. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/8173>>. Acesso em: 15 nov. 2016.

REIS, I. M. L. Entre a tradição e a resignificação: o feminino diante da infertilidade (e as novas tecnologias conceptivas). **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, 2008. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/18949>>. Acesso em: 15 nov. 2016.

RESTREPO-ARANGO, C. Representation of the female gender in the area v of the social sciences in national research system. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, v. 21, n. 47, p. 27-40, set./dez. 2016. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/21022>>. Acesso em: 15 nov. 2016.

REZENDE, D. S. B.; OLIVEIRA, V. C. As representações e os sentidos do silêncio nas experiências de mulheres que vivem com HIV/AIDS. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 2-8, mar. 2014. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/19050>>. Acesso em: 15 nov. 2016.

RÍOS, M. R. Comunicação publicitária e negociação de identidade: a audiência publicitária de donas de casa. **Comunicação & Informação**, v. 14, n. 2, 2011. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/11901>>. Acesso em: 21 nov. 2016.

RODRIGUES, J. G.; GUIMARÃES, M. C. S. Apontamentos sobre a participação feminina na pesquisa no campo da saúde a partir do acervo de obras raras da biblioteca de Manguinhos da Fundação Oswaldo Cruz. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 21, n. 1, p. 119-133, jan./mar. 2016. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/20678>>. Acesso em: 15 nov. 2016.

ROMERO, O. B. Sexismo na linguagem: chaves para erradicá-lo nos meios e nas instituições. **Comunicação & Informação**, v. 14, n. 2, 2011. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/11904>>. Acesso em: 21 nov. 2016.

RUSCHEINSKY, A. S. História e cidadania - a diversificada participação sócio-política das mulheres no campo no sul do país. **BIBLOS - Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação**, v. 7, p. 275-290, 1995. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/6501>>. Acesso em: 21 nov. 2016.

SANTO, P. C. E. R. Os estudos de gênero na ciência da informação. **Em Questão**: Porto Alegre, v. 14, n. 2, p. 317-332, jul./dez. 2008. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/5330>>. Acesso em: 15 nov. 2016.

SANTO, P. C. E. R.; DUMONT, L. G. M. M. A leitora e sua relação com o jornal estado de minas. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 14, n. 3, p. 20-37, 2009. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/7940>>. Acesso em: 22 nov. 2016.

SANTO, P. C. E. R.; DUMONT, L. G. M. M. As cartas de leitores e leitoras enviadas a jornais impressos: o que querem informar os assinantes do jornal estado de minas. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 19, n. 2, 2014. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/15163>>. Acesso em: 21 nov. 2016.

SILVA, M. D. P. Conceitos de indexação sobre o gênero feminino em jogo de cena. **Informação & Informação**, Londrina, v. 19, n. 3, p. 168-191, set./dez. 2014. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/16869>>. Acesso em: 15 nov. 2016.

SILVA, V. R. Uma mulher, a biblioteconomia e as bibliotecas soviéticas. **Múltiplos Olhares em Ciência da Informação**, v. 2, n. 1, 2012. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/21202>>. Acesso em: 21 nov. 2016

SILVA, N. R. D. Quizás, quizás, quizás: deleite da câmera voyeurista e a construção da personagem zahara no filme dentro do filme má educação, de pedro almodóvar. **Comunicação & Informação**, v. 10, n. 1, p. 34-42, 2007. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/9003>>. Acesso em: 21 nov. 2016.

SILVA, Y. F. E. Todo dia é dia das leitoras de barbara. o discurso formativo/explicativo na revista barbara p. 133- 148. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, v. 3, n. 3, 1998. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/12231>>. Acesso em: 21 nov. 2016.

SOUZA, M. B.; FERNÁNDEZ, V. L. N. A representação da mulher de periferia no cinema brasileiro. **Comunicação & Informação**, Goiânia, v. 14, n. 2, p. 195-213, jul./dez. 2011. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/11897>>. Acesso em: 15 nov. 2016.

TÉLLEZ, J. H. N. Meios de comunicação e notícias na reconstrução da participação das mulheres nas eleições e no crime organizado. **Comunicação & Informação**, v. 14, n. 2, 2011. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/11898>>. Acesso em: 21 nov. 2016.

TONDATO, M. R. P.; LEITE, A. F. J. Consumo e identidade: aproximações teóricas para uma análise da constituição da identidade e auto-estima femininas a partir da recepção dos produtos televisivos. **Comunicação & Informação**, v. 13, n. 1, 2010. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/12451>>. Acesso em: 21 nov. 2016.

TROGLIO, J. Perfil dos gestores de bibliotecas universitárias federais do brasil. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v. 20, n. 43, 2015. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/19352>>. Acesso em: 21 nov. 2016.

WOLF, T. M. et al. O empoderamento de mulheres através da inclusão digital. **Inclusão Social**, v. 3, n. 2, p. 103-118, 2010. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/8732>>. Acesso em: 21 nov. 2016.

WOTTRICH, L. H.; CASSOL, M. C. N. N. A publicidade que evoluiu com as mulheres? um estudo de recepção sobre as representações de gênero. **Em Questão**: Revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS, Santa Catarina, v. 18, n. 3, p. 229-244, jul./dez. 2012. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/12470>>. Acesso em: 15 nov. 2016.